

Estudo de Caso:

Estágio Supervisionado na Diretoria de Ensino de São Carlos

Boas práticas e aprendizados



agosto
2022

REALIZAÇÃO:



Profissão
docente

Sumário

1. Introdução.	3
2. São Carlos e a Diretoria de Ensino Estadual.	6
3. O Estágio Supervisionado em São Carlos	10
3.1 Como o estágio supervisionado era desenvolvido e quais as motivações para qualificar o processo	11
3.2 O objetivo da iniciativa e visão do Estágio Supervisionado na DE São Carlos	13
3.3 Passo a passo da iniciativa empreendida pela DE.	14
3.3.1. 1 - <i>Elaboração do Protocolo do Estágio Supervisionado: atendimento e encaminhamento dos estagiários.</i>	16
3.3.2. 2 - <i>Reunião com professores de estágio das IES.</i>	17
3.3.3. 3 - <i>Chamamento das escolas - Reunião com Diretores das escolas</i>	18
3.3.4. 4 - <i>Formação da Equipe Gestora das escolas (diretores, vice-diretores e coordenadores pedagógicos).</i>	18
3.3.5. 5 - <i>Execução do Protocolo.</i>	26
3.3.6. 6 - <i>Monitoramento e avaliação</i>	32
3.4 O Estágio Supervisionado na prática	35
3.5 Estratégias de engajamento, articulação e suporte	42
3.6 Desafios da iniciativa e próximos passos.	45
4. Conclusão	50
5. Referências	52

1. Introdução



A formação inicial de professores é um tema discutido em diversos âmbitos: acadêmico, nas políticas públicas, no terceiro setor, entre outros. Contudo, há diversas formas de se pensar a formação docente, como Barbara Born ressalta:

Como bem destacam Bransford, Darling-Hammond e LePage (2005), não existe um único jeito certo de formar professores. Todavia, existem práticas comuns associadas com a efetividade docente que estão ancoradas numa compreensão compartilhada daquilo que é capaz de promover a aprendizagem das crianças. (Born, 2022)

Atualmente, a formação para os futuros docentes, segundo Segatto et al. (2019), é alinhada à corrente cognitivista de formação de professores, a qual tem como foco principal fornecer grande quantidade de informação, com ênfase em acumular um repertório teórico robusto, contudo sem necessariamente esclarecer como aplicá-lo em contextos diversos. Tornar a formação de professores no Brasil inovadora, significa caminhar em direção às pesquisas recentes publicadas nas últimas três décadas, as quais indicam a corrente da formação centrada na prática, a qual sugere que o acúmulo de conhecimentos precisa estar orientado para a prática profissional e principalmente emergir dela.

É nesse contexto, da prática como central na formação dos futuros professores, que esta pesquisa se insere. Dessa forma, entende-se que o estágio supervisionado, realizado durante a graduação dos licenciandos, é um espaço privilegiado para o desenvolvimento de habilidades e competências específicas da profissão professor. Se ofertadas experiências de campo bem desenhadas e alinhadas à vertente da formação centrada na prática, oportuniza-se formações de futuros professores mais capazes de criar ambientes de aprendizagem de excelência para crianças e jovens (Born, 2022).

Assim, a presente pesquisa buscou reunir as boas práticas e aprendizados, bem como relatar a implementação da iniciativa liderada pela Diretoria de Ensino de São Carlos na organização do estágio supervisionado das escolas públicas estaduais. A pesquisa é uma iniciativa da organização sem fins lucrativos do Movimento Profissão Docente, em parceria com a Diretoria de Ensino de São Carlos, e foi elaborada pela pesquisadora Juliana Gomes de Souza, estudante de mestrado sobre Aprendizagem de Adultos e Lideranças, no Teachers College, na Universidade de Columbia.

O documento destina-se a gestores públicos estaduais, municipais ou servidores que trabalhem em regionais de ensino, além de Instituições de Ensino Superior, incluindo a coordenação e o corpo discente dos cursos de licenciaturas e pedagogia. O principal objetivo deste documento, portanto, é inspirar redes municipais, estaduais e IES na organização de programas de estágio supervisionado que articulem e aproximem cada vez mais a escola e o ensino superior, como um dos mecanismos para qualificar a formação inicial dos professores.

Para esta pesquisa a principal metodologia utilizada na coleta de informações foi a de entrevista semi-estruturada, na qual foram elaborados roteiros de entrevista para os seguintes atores: professor supervisor de estágio na Instituição de Ensino Superior (IES), professor regente da unidade esco-

lar, coordenador pedagógico da unidade escolar, diretor da unidade escolar, licenciando que cursou recentemente estágio em escola estadual localizada na Diretoria de Ensino (DE) de São Carlos, dirigente da DE e servidores que trabalham na DE com a iniciativa do estágio. Além de entrevista semi-estruturada, outras informações foram coletadas por meio de *desk research* e leitura e análise de documentos oficiais enviados pela Diretoria de Ensino. Dentre os atores entrevistados, tivemos quatro atores da DE São Carlos, três professoras supervisoras de estágio, duas de universidade pública e uma de instituição privada, três licenciandos que realizaram estágio recentemente nas escolas da DE, uma diretora de escola, uma coordenadora de escola e um professor regente de estágio da escola:

1. Débora Blanco, Dirigente da Diretoria de Ensino de São Carlos
2. Sônia Mercedes Antunes Silva, Supervisora de Ensino na Diretoria de Ensino de São Carlos
3. Ângela Do Carmo Paula Gomes, Supervisora de Ensino na Diretoria de Ensino de São Carlos
4. Bruno Turci, Professor Especialista em Currículo (PEC) na Diretoria de Ensino de São Carlos
5. Edna Maura Zuffi. Profa. Dra. Supervisora de estágio da licenciatura de Matemática na Universidade de São Paulo (USP)
6. Isadora Valencise Gregolin, Professora Supervisora de estágio da licenciatura em Letras (Habilitação em português, inglês e espanhol) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
7. Ana Claudia Rebolho, Professora Supervisora de estágio no Centro Universitário Central Paulista (UNICEP)
8. Edlara Camargo Cianflone, diretora na Escola Estadual Aracy Leite Pereira Lopes
9. Grazielle Alves, Coordenadora De Gestão Pedagógica Geral da escola E.E Aracy Leite Pereira Lopes
10. João Pedro Mardegan Ribeiro, professor na E.E Aracy Leite Pereira Lopes
11. Danilo da Silva Moraes, aluno da licenciatura de Matemática da USP
12. João Luiz Moraes Gomes, aluno da licenciatura de Matemática da USP
13. Murilo do Nascimento Luiz, aluno da licenciatura de Matemática da Cruzeiro do Sul

A opção metodológica foi apresentar o contexto social e econômico da cidade de São Carlos, depois o contexto educacional e em seguida aprofundar os processos de organização do estágio supervisionado liderado pela DE. Sobre o último aspecto, buscou-se observar as diferenças entre o estágio antes e depois da intervenção da DE, quais foram as etapas para estruturar o estágio como ele é hoje, as responsabilidades de cada ator envolvido, as relações entre escola <> DE <> IES, e como o estágio impacta a escola e a formação dos futuros professores.

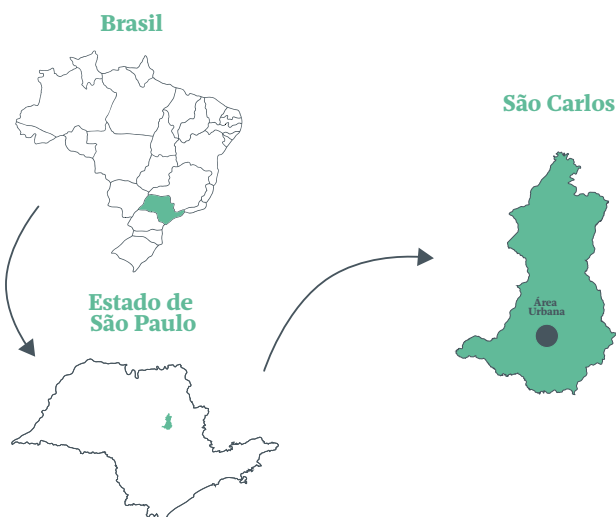
Esperamos que este documento possa inspirar e ser uma referência de boas práticas e aprendizados em direção a valorização da disciplina do estágio, assim como da própria profissão docente e fortaleça a visão de que a formação do futuro professor é uma corresponsabilização não apenas da IES, mas da escola e do poder público também. Boa leitura!

2. São Carlos e a Diretoria de Ensino Estadual



A cidade de São Carlos está localizada no interior do Estado de São Paulo, com uma população de 256.915 habitantes, podendo ser considerada uma cidade de porte médio¹. Possui Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,805, o que é relativamente alto comparado com a média do estado (0,73) e com outros municípios com número de habitantes semelhante² (IBGE, 2021).

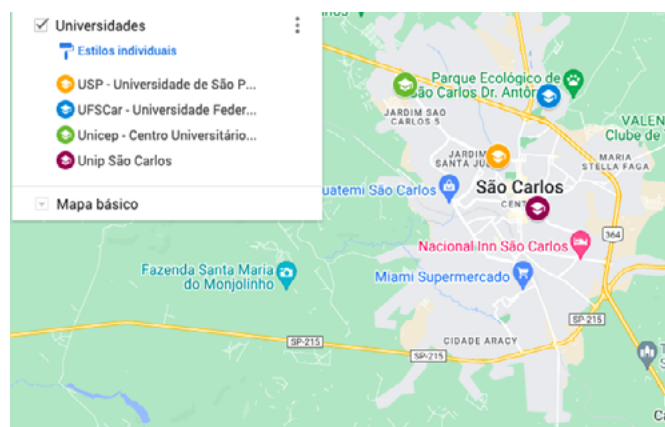
Figura 1. Localização da cidade de São Carlos no mapa de São Paulo e Brasil



Fonte: FABRÍCIO, 2016.

São Carlos é considerado um importante pólo industrial e de agropecuária, além de ser uma região com grande concentração e investimento em pesquisa. Diversas universidades rodeiam a cidade, o que torna intensa a atividade universitária. Todos esses fatores possibilitam e contribuem para seu crescimento econômico e social. A figura 2 destaca as principais universidades de onde advêm os estagiários das licenciaturas.

Figura 2. Mapa da cidade e principais universidades



1 O IBGE considera uma cidade pequena as cidades de até 50 mil habitantes.

2 Outras cidades analisadas foram Marília, Itapevi, Americana, Cotia, Indaiatuba e Embu das Artes, todas com população semelhante à São Carlos. Todas essas possuem IDH menor do que São Carlos.

Com relação à educação, segundo o IBGE, a taxa de escolarização da população com idade de 6 a 14 anos é de 97,9%. Ainda segundo INEP³, a cidade conta com mais de 27.000 estudantes matriculados nas escolas públicas, distribuídos em 60 escolas municipais e 37 escolas estaduais. Os resultados de aprendizagem e dados de fluxo escolar para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio dos estudantes da rede pública estadual seguem abaixo:

Figura 4. IDEB⁴ - Anos Iniciais Ensino Fundamental

$$\begin{matrix} \text{Aprendizado} \\ \mathbf{5,58} \end{matrix} \times \begin{matrix} \text{Fluxo} \\ \mathbf{1} \end{matrix} = \begin{matrix} \text{IDEB} \\ \mathbf{5,6} \end{matrix}$$

Quanto maior as notas, maior o aprendizado Quanto maior o valor, maior aprovação Meta 5,9

Evolução do IDEB

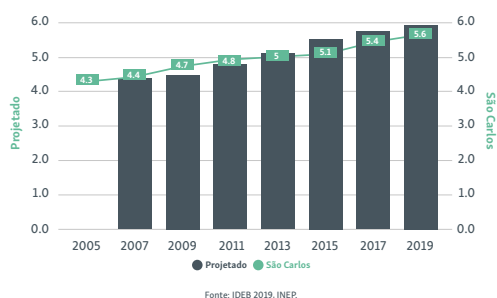


Figura 4. IDEB - Anos Finais Ensino Fundamental

$$\begin{matrix} \text{Aprendizado} \\ \mathbf{5,58} \end{matrix} \times \begin{matrix} \text{Fluxo} \\ \mathbf{1} \end{matrix} = \begin{matrix} \text{IDEB} \\ \mathbf{5,6} \end{matrix}$$

Quanto maior as notas, maior o aprendizado Quanto maior o valor, maior aprovação Meta 5,9

Evolução do IDEB

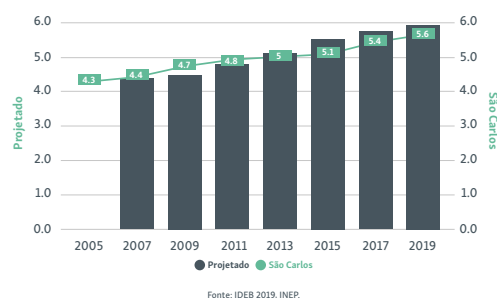
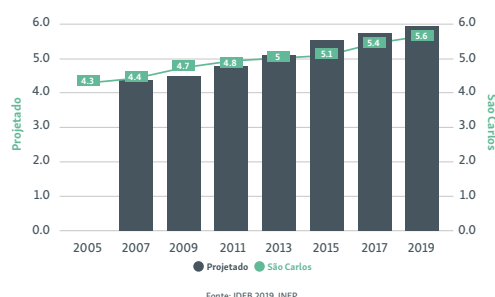


Figura 5. IDEB - Ensino Médio

$$\begin{matrix} \text{Aprendizado} \\ \mathbf{5,58} \end{matrix} \times \begin{matrix} \text{Fluxo} \\ \mathbf{1} \end{matrix} = \begin{matrix} \text{IDEB} \\ \mathbf{5,6} \end{matrix}$$

Quanto maior as notas, maior o aprendizado Quanto maior o valor, maior aprovação Meta 5,9

Evolução do IDEB



Para todas as etapas avaliadas pelo SAEB, o IDEB de São Carlos é maior que a média do estado de São Paulo, como podemos observar na tabela a seguir. Contudo, o fluxo para Ensino Médio está abaixo da média estadual, o que chama atenção.

³ Dados coletados em 2019 pelo Instituto de Pesquisa Anísio Teixeira (INEP).
⁴ Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

Figura 6. Tabela de resultados de aprendizagem, fluxo e IDEB em São Paulo e São Carlos (INEP, 2019)

	Fluxo	Aprendizagem	IDEB
São Carlos AI ⁵	0,99	7,15	7,1
São Carlos AF ⁶	1,00	5,58	5,6
São Carlos EM ⁷	0,80	4,86	4,8
São Paulo (Estado) AI	0,99	6,66	6,6
São Paulo (Estado) AF	0,96	5,39	5,2
São Paulo (Estado) EM	0,91	4,71	4,3

Não obstante, a Diretoria de Ensino de São Carlos envolve outros municípios que não só São Carlos. São eles: Corumbataí, Dourado, Ibaté, Itirapina e Ribeirão Bonito. Isso configura um total de 46 escolas estaduais sob supervisão da Diretoria, entre as quais, 37,80% estão localizadas no município de São Carlos. Para as escolas estaduais desses município, apresentamos a tabela a seguir com os dados de aprendizagem, fluxo e IDEB de 2019, segundo o INEP, para as escolas estaduais:

Município	Fluxo	Aprendizagem	IDEB
Corumbataí EM	0,99	4,46	4,4
Dourado AF	0,99	5,07	5,0
Dourado EM	0,99	4,9	4,9
Ibaté AF	0,99	5,57	5,5
Ibaté EM	0,97	4,86	4,7
Itirapina AF	1,00	5,11	5,1
Itirapina EM	0,98	4,94	4,9
Ribeirão Bonito EM	0,84	4,61	3,9

5 Anos Iniciais do Ensino Fundamental

6 Anos Finais do Ensino Fundamental

7 Ensino Médio

3. O Estágio Supervisionado em São Carlos



3.1 Como o estágio supervisionado era desenvolvido e quais as motivações para qualificar o processo

Os estudantes das licenciaturas, seja pedagogia ou componente curricular específico, devem completar 400 horas de estágio presencial na escola, segundo a Resolução CP/CNE nº 2/2019. Este é o momento em que os licenciandos têm a oportunidade de ambientar-se com o seu futuro trabalho e, principalmente, aprender sobre a prática docente e praticá-la à luz das teorias aprendidas na universidade, compreendendo que a prática de ensinar é parte do processo de aprendizagem e não algo que acontece após o término da graduação (Lampert, 2010).

O período do estágio geralmente é um momento pouco explorado enquanto espaço para aprendizagem da prática profissional docente. Por diversas vezes, o licenciando assume um papel passivo de observador da prática do professor da escola, sem oportunidades para experimentar e praticar as teorias aprendidas nas disciplinas das licenciaturas. Há situações em que o estágio deixa de ser um momento privilegiado de aprendizagem prática e passa a ser compreendido como um momento completamente pro forma. Opta-se, por conveniência, pelo não cumprimento da carga horária total abrindo mão da rica e importante experiência para apenas proceder burocraticamente realizando observações seguidas da assinatura pela equipe gestora da unidade escolar. Conforme GATTI (2014 p 40):

(...) as observações largamente difundidas sobre o funcionamento das licenciaturas e estudos específicos publicados nos autorizam a sugerir que a maior parte dos estágios envolve atividades de observação, os estudantes procuram por conta própria as escolas, sem plano de trabalho e sem articulação entre instituição de ensino superior e escolas, e sua supervisão acaba tendo um caráter mais genérico, ou apenas burocrático, muitas vezes, em função do número de licenciandos a serem supervisionados por um só docente da instituição de ensino superior. Esses estágios acabam não se constituindo em práticas efetivas e fonte de reflexão sobre ações pedagógicas para os estagiários. Sobre a orientação e a validação deles, não se encontra, na grande maioria dos casos, referência clara. Os efeitos desse descaso com os estágios supervisionados precisam ser considerados sob uma perspectiva ética e moral (Fazenda & Piconez, 2005; Silva, 2011; Calderano, 2012; Gatti & Nunes, 2009).

Além disso, a chegada do estagiário à escola muitas vezes ainda é vista como pouco vantajosa para os professores e coordenadores da escola. Segundo diversos relatos das entrevistas realizadas para esta pesquisa, receber o futuro professor na escola acabou se tornando sinônimo de “mais trabalho”, em que a escola e o professor regente precisam dispor de espaço e sobretudo de tempo para receber o estagiário e realizar o acompanhamento intencional e formativo do estágio. O estagiário

acaba se tornando mais um peso para as escolas, as quais já têm demasiado trabalho, e não como um apoio para somar. Um relato que ilustra esse cenário:

“Na época que eu estagiei, em 2012/2013, a visão que a escola tinha dos estagiários era muito diferente do que a gente tem hoje. Muitos professores enxergavam os estagiários como “fiscais” do seu trabalho. E tinha muita resistência dos professores da sala de aula em receber os estagiários porque a dinâmica era um pouco diferente, então muitos não aceitavam. Ao longo desses últimos anos, a Diretoria de Ensino tem insistido bastante na formação da gestão para abrir os olhos e enxergar o estagiário de um jeito diferente. Como um colaborador e não como um fiscal. Quando os professores abrem as portas da sala de aula para o estagiários é justamente para oportunizar essa vivência, e não para o estagiário ficar anotando o que o professor faz ou não faz de errado. É mais para que o aluno da licenciatura vivencie e faça essa transição do olhar do aluno para o olhar do professor.”

(Grazielle Alves, Coordenadora De Gestão Pedagógica Geral da escola E.E Aracy Leite Pereira Lopes)

Complementando essa visão, um artigo publicado na revista *Entrever* em 2011, fruto de uma pesquisa realizada pelas pesquisadoras Giselle de Souza Paula e Suzani Cassiani da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) acerca do estágio curricular, destaca no discurso dos próprios professores da educação básica, o entendimento dos docentes acerca do papel das instituições e de seus profissionais na formação de professores.

“Todo o processo de formação deve ser feito na Universidade, pois a Escola básica, muitas vezes, não possui nem condições físicas e materiais para seu trabalho habitual, quanto mais para a formação de professores; é só dar uma olhadinha aqui” - fragmento da fala de uma professora de matemática extraído do texto de Silveira, 2008

(Cassiani e Paula, 2011 p. 192)

Na mesma linha, Lisovski e Terrazzan afirmam (2006, p. 4): “As Escolas de Educação Básica também não se veem como uma Instituição formadora, corresponsável pela formação dos futuros professores. As Escolas não compreendem a importância de suas contribuições para a formação dos estagiários.”

Este é o cenário em que se encontrava a Diretoria de Ensino de São Carlos há alguns anos: ausência de compreensão do potencial do estágio na formação do licenciando, falta de corresponsabilização pela formação do futuro professor e um grande desconhecimento da quantidade de licenciandos que buscavam realizar o estágio supervisionado nesta Diretoria, quem eram, em que escola estagiavam e de que universidades vinham. Ainda neste contexto, havia um número limitado de escolas que recebiam os estagiários e os professores supervisores de estágio nas IES, o estágio dependia, em grande

medida, da articulação e relações pessoais dos professores de estágio das Instituições de Ensino Superior com as escolas.

Em meados de 2015 e 2016, a Dirigente da Diretoria de Ensino (DE) de São Carlos, Débora Blanco, estava em visita a algumas escolas e notou a presença de estagiários que se misturavam com os estudantes, que entravam e saíam da sala de aula sem compreender o que realmente acontecia na escola. Em entrevista, ela afirma que o questionamento que ela se fazia era: *“O que é que está acontecendo com esse menino que será nosso futuro professor? Será que ele está se perdendo, ficando invisível nessa escola?”*. Os estagiários pareciam invisibilizados, enquanto realizavam atividades de baixa complexidade e com pouco potencial de contribuir para o desenvolvimento do futuro professor, e não haviam evidências de que compreendiam toda a complexidade da dinâmica escola

Naquele momento, inexistiam procedimentos e protocolos padronizados para monitoramento e acompanhamento do estágio supervisionado nas escolas, e sabendo da crise de falta de professores nas escolas públicas, a Dirigente percebeu que seria estratégico entender, organizar e acompanhar os licenciandos que realizavam estágio nas escolas estaduais da Diretoria de Ensino de São Carlos. Assim, iniciou-se um processo de intermediação entre escolas e Universidades, no qual a DE elaborou um protocolo de atendimento para o estágio supervisionado que possibilitou entender quantos estagiários eram, em que escolas estavam e o que faziam durante suas horas na escolar.

3.2 O objetivo da iniciativa e visão do Estágio Supervisionado na DE São Carlos

Na visão da Diretoria de Ensino de São Carlos, a Universidade não é a única responsável pela formação dos licenciandos. Há um entendimento consolidado e uma visão compartilhada entre todos os servidores que conversamos de que as escolas e a própria DE são corresponsáveis pela formação do futuro professor, uma vez que é durante o estágio que o licenciando tem a oportunidade de aprender sobre a prática docente.

“Nós trabalhamos com a formação dos futuros professores, não é só as IES que têm a responsabilidade de formar. Eles tem que fazer 400h de estágio, é um volume grande dentro da licenciatura. Nós somos parceiros da formação do futuro professor. (...) Profissionalizar [a profissão docente], como qualquer outra profissão. Não é mais pra assinar o estágio. Isso agradou muito os professores das IES também, pois valorizou a disciplina de estágio.”

(Débora Blanco, dirigente da Diretoria de Ensino de São Carlos)

Com o entendimento de uma corresponsabilização pela formação dos futuros professores, a DE trabalha para que a experiência do estagiário garanta sua preparação para a docência, não apenas aprendendo a ensinar, mas também compreendendo todos os momentos pedagógicos da esco-

la, dentro e fora da sala de aula. Eles ressaltam a importância do estagiário conhecer o currículo, os projetos, os programas, as plataformas da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, os dados de aprendizagem e as necessidades e desafios que a escola enfrenta. Em documentos oficiais da DE sobre o estágio destacam-se os seguintes objetivos para a iniciativa:

- **Normalizar** procedimentos para a realização dos estágios;
- **Orientar e acompanhar** o desenvolvimento dos estágios nas escolas;
- **Aprimorar** as ações do Professor Coordenador (PC⁸) na formação inicial do estagiário numa concepção de parceria entre escola e universidade;
- **Formação articulada entre escola e universidade** e sua contribuição para a iniciação à docência e na cultura do magistério;
- Dar **sentido e significado** às experiências dos estágios.

3.3 Passo a passo da iniciativa empreendida pela DE

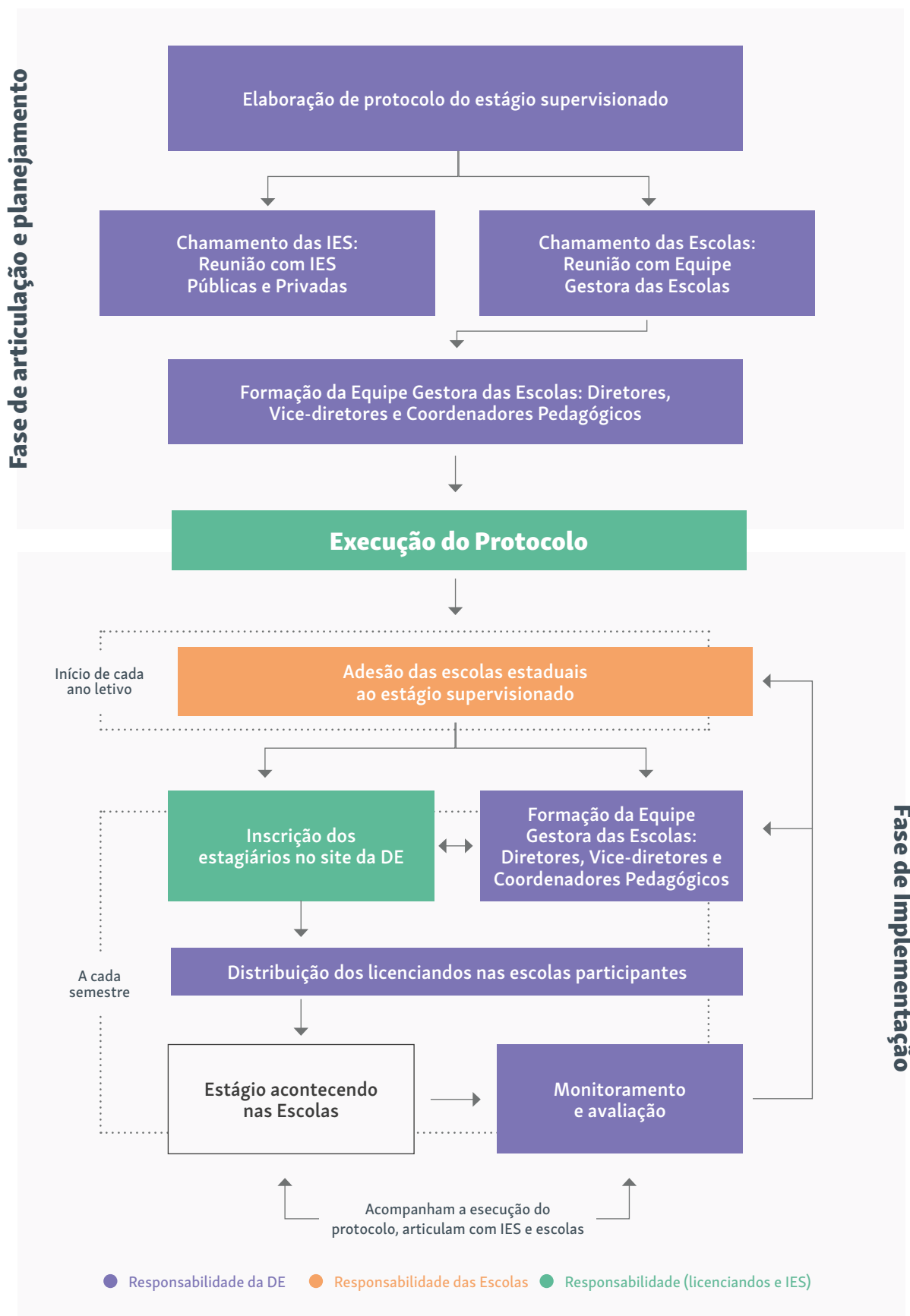
Dados os objetivos, a DE elaborou um protocolo para os estágios que passou a contar com os seguintes passos de implementação:

Figura 7. Passo a passo de implementação do Estágio Supervisionado

1. *Elaboração de protocolo do estágio supervisionado: atendimento e encaminhamento dos estagiários*
2. *Chamamento das IES Públicas e Privadas: Reunião com os professores de estágio das IES*
3. *Chamamento das escolas: Reunião com Equipe Gestora das escolas*
4. *Formação da Equipe Gestora das escolas (diretores, vice-diretores e coordenadores pedagógicos)*
5. *Execução do Protocolo*
6. *Monitoramento e avaliação*

Na próxima página você também confere um infográfico que busca sistematizar as etapas, ações e os atores envolvidos em cada momento do processo de planejamento e implementação:

8 Professor Coordenador é o termo utilizado pela rede estadual de São Paulo para denominar a figura do Coordenador Pedagógico da escola.



3.3.1. 1 – Elaboração do Protocolo do Estágio Supervisionado: atendimento e encaminhamento dos estagiários

O primeiro passo foi a elaboração de um protocolo de atendimento e encaminhamento dos estagiários para as escolas. O principal objetivo do protocolo era facilitar e centralizar o processo de encaminhamento de estagiários para as unidades escolares de responsabilidade da DE São Carlos, em que esta assume papel de mediadora entre IES e escolas, organizando as solicitações de estágio. Com o objetivo de centralizar e facilitar a comunicação e execução do protocolo, a DE criou um e-mail específico para todos os assuntos relacionados ao estágio⁹. O protocolo desenhado pela DE envolve as seguintes ações:

- **Cadastro anual das escolas que desejam receber estagiários:** anualmente as escolas devem sinalizar para a DE se desejam receber estagiários e em que quantidade. Trata-se de uma atualização cadastral para adesão ao estágio. Antes da implementação deste protocolo, poucas escolas recebiam estagiários, o que acarretava uma concentração em escolas localizadas na região central da cidade e próximas a universidades como USP e UFSCar. Com o processo de cadastro anual implementado, outras escolas passaram a constar na lista de possibilidades para os licenciandos e também ficou evidente para a DE que escolas estão abertas a receber estagiários, o que é extremamente vantajoso para as escolas mais periféricas antes invisibilizadas.
- **Inscrição dos estagiários:** Todo licenciando que busca fazer estágio nas escolas estaduais de São Carlos deve encaminhar solicitação ao e-mail, indicando até duas escolas que tem interesse em realizar o estágio e enviar a documentação requerida. Esse e-mail também é utilizado para informar às escolas quais estagiários a DE está encaminhando e também responder a dúvidas do público. Por meio dessa ferramenta, a diretoria centraliza todos os assuntos relacionados ao estágio.
- **Conferência da documentação após inscrição e distribuição dos estagiários:** Ao receber a inscrição do estagiário, duas supervisoras de ensino localizadas na DE de São Carlos são responsáveis por conferir a documentação necessária para o estágio, e distribuir os licenciandos nas escolas. A DE tem como prioridade atender ao pedido do estagiário em uma das duas escolas que o estudante demonstrou interesse, contudo, há também um esforço em distribuir os estagiários de forma equitativa entre todas as escolas.
- **Encaminhamento dos estagiários para as escolas:** as duas supervisoras de ensino na DE informam, por e-mail, as escolas para onde os estagiários serão encaminhados. Tanto as escolas quanto os estagiários recebem um e-mail com todas as informações sobre a alocação e o encaminhamento.
- **Planilha de controle do estágio supervisionado em cada escola:** cada escola possui uma planilha online do Google Planilhas em que deve-se preencher os dados solicitados assim que o estagiário

⁹ estagio.desaocarlos@gmail.com

chega na escola. Essas planilhas são utilizadas pela Diretoria de Ensino no acompanhamento e controle das atividades de estágio, auxiliando-os, principalmente, a verificar se os documentos do estágio estão corretos e a identificar quando os estagiários encerram o estágio e assim liberam novas vagas. As informações solicitadas pela planilha são: nome do estagiário, R.G do estagiário, e-mail do estagiário, instituição de ensino superior, curso de licenciatura que está cursando, disciplina do estágio, carga horária de estágio realizada, período de realização, responsável pelo estágio na unidade escolar, procurou a escola para iniciar o estágio (sim ou não), concluiu o estágio (sim ou não), entregou documentação obrigatória do estágio (sim ou não). Uma pessoa na DE é responsável por validar as informações e acompanhar o preenchimento das planilhas.

3.3.2. 2 – Reunião com professores de estágio das IES

A pós a definição do protocolo de atendimento e encaminhamento dos estagiários, a DE organizou, em 2016, uma reunião inicial em que convidou diversos professores de estágio das IES públicas e privadas da região. O que motivou a DE a primeiro conversar com as IES foram os relatos negativos que recebiam informalmente sobre a experiência dos estagiários nas escolas. Por exemplo, ouviam que os estagiários eram mal atendidos pelas escolas ou que o licenciando precisava retornar mais de 5 vezes à escola para conseguir falar com alguém. Para a surpresa da dirigente, muitos professores das universidades convidadas compareceram.

Na reunião, a DE apresentou a proposta do protocolo de atendimento e encaminhamento dos estagiários e compartilhou que a coordenação desse processo ficaria a cargo da Diretoria.

“E daí apresentamos a proposta, nós vamos coordenar, nós vamos distribuir os estudantes, só vai receber estagiário as escolas que quiserem. Pra eles [IES] foi uma mão na roda, porque o processo ficou claro, antes os professores da IES tinham que pedir [estágio] para conhecidos nas escolas.”

(Débora Blanco, dirigente da Diretoria de Ensino de São Carlos)

Atualmente, o contato entre DE e IES acontece mais sob demanda, normalmente quando há alguma dúvida ou questão burocrática a ser resolvida. As professoras de estágio da USP, UFSCar e UNICEP entrevistadas afirmam ter uma relação muito próxima e de parceria com a DE, especialmente com a supervisora de Ensino, Sônia, e com a dirigente, Débora. Nos contatos esporádicos entre DE e IES, a comunicação é majoritariamente feita através de Whatsapp e se necessário alguma formalidade, as IES utilizam o e-mail do estágio da DE.

3.3.3. 3 – Chamamento das escolas – Reunião com Diretores das escolas

Depois de conversarem com os professores das IES, a DE convidou as escolas estaduais e apresentou aos gestores escolares o protocolo do estágio. Foi nesse momento também, com conhecimento de como funcionaria o protocolo, que as escolas puderam realizar a adesão à iniciativa.

Segundo a Diretoria de Ensino, uma das responsabilidades da DE é a de sinalizar às escolas o que é mais urgente e o que deve ser priorizado, e, com a crise de falta de professores que já dava seus sinais, a DE fez questão de colocar o projeto do estágio como prioritário, visando que os futuros docentes tivessem uma experiência de estágio com sentido, que valesse a pena, e principalmente que motivasse esses licenciandos a retornar à rede quando terminassem a graduação.

Além de compartilhar a proposta de protocolo com as escolas, outro objetivo dessa conversa foi dialogar e sensibilizar as equipes de gestão escolar sobre a importância da escola e da DE na formação do futuro professor. A DE reconhecia que seria fundamental que a equipe gestora se responsabilizasse nesse processo.

3.3.4. 4 – Formação da Equipe Gestora das escolas (diretores, vice-diretores e coordenadores pedagógicos)

Após alinhar o protocolo de atendimento e encaminhamento dos estagiários com IES e escolas, a DE ainda sentia a necessidade de aprofundar as discussões sobre a corresponsabilização da formação do futuro docente com as escolas. Era preciso sensibilizar as equipes gestoras periodicamente, e assim estabelecer formações semestrais em conjunto, as quais deveriam **cascatear/repassar** a formação com os professores das escolas, a fim de dar início a uma mudança de cultura do estágio e a forma de pensar o estágio na DE.

Em entrevista com atores da diretoria, eles afirmam que foi e é imprescindível que a DE tivesse uma sólida fundamentação teórica para as formações com diretores escolares e coordenadores pedagógicos, através da qual é possível sensibilizar e convencer sobre o papel da escola na formação do futuro professor e a importância do estágio supervisionado para tanto. Uma das principais referências teóricas utilizadas nas formações é Canário (2007). Dentre as temáticas abordadas pelo autor, a DE utiliza em suas formações principalmente os seguintes aspectos:

- *A escola é o lugar onde os professores aprendem o essencial da sua profissão (CANÁRIO, 2007, p. 65).*
- *Torna-se necessário deixar de pensar a formação, quase exclusivamente, em termos de capacitação individual. Na medida em que passam a ser consideradas as dimensões coletivas do exercício do trabalho, a formação passa também a se orientar a formação de equipes de trabalho que se*

formam em exercício e, portanto, no próprio contexto de trabalho (CANÁRIO, 2007, p. 64).

- A formação profissional dos professores passa a ser, basicamente, uma reinvenção de novos modos de socialização profissional, desenvolvendo nos contextos de trabalho uma dinâmica com uma vertente dupla: por um lado, formativa e, por outro, de construção identitária (CANÁRIO, 2007, p. 66).

Além de Canário, a DE também se fundamenta nas contribuições de Vedovatto Iza e Souza Neto (2015), tendo este último inclusive conduzido uma das formações para as escolas. A principal contribuição desses autores para as formações é a concepção de **trabalho integrado** entre Escola e Universidade durante o período de estágio supervisionado. Os autores afirmam que os estágios não costumam possibilitar experiências de socialização profissional que auxiliem os licenciandos a elaborar um “ponto de vista pedagógico” sobre a escola, o ensino e os alunos. Nesse sentido, eles propõem que tanto universidade quanto escola tem responsabilidade nesse processo, como partes integrantes, sendo, portanto, fundamental que as IES **auxiliem com novas medidas e condições** e que a escola faça parte do processo de formação de seus futuros profissionais, para além de abrir portas e ceder os espaços.

Figura 8. Trabalho integrado segundo Iza e Souza Neto (2015)

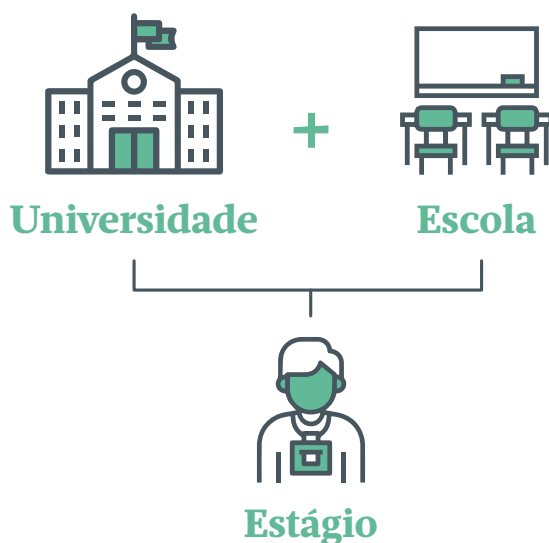


Imagem elaborada pela DE de São Carlos a partir do entendimento da visão de Vedovatto Iza e Souza Neto (2015)

A formação sobre o estágio supervisionado para as escolas é ofertada **duas vezes por ano, semestralmente**, e, por enquanto, apenas para as equipes gestoras, especialmente coordenadores pedagógicos (CP). A formação tem duração aproximada de 3 horas e pode envolver outros assuntos que a DE precisa trabalhar com a equipe gestora e pedagógica. É normalmente realizada no formato presencial na própria Diretoria de Ensino e é tratada como convocação oficial de formação, sendo obrigatória.

Reunir todos os professores para essa formação demandaria uma logística espacial e de agenda mais complexa, pois o número de professores é muito maior que o de coordenadores pedagógicos

e encontrar horários comuns para que os professores se ausentem da sala de aula é desafiador. Por isso, a intenção é que os CP possam cascatear (de maneira formal ou informal) as aprendizagens da formação e também atuarem diariamente na sensibilização dos professores das escolas.

“Nós tentamos sensibilizar a escola, principalmente o PC (professor coordenador)¹⁰ e o Diretor. Vocês estão recebendo o seu futuro professor. A formação desse professor não vai começar quando ele tiver aula atribuída, ela começa agora.”

(Sônia Mercedes Antunes Silva, Supervisora de Ensino na Diretoria de Ensino de São Carlos e responsável pela elaboração e condução da formação nas escolas sobre estágio).

“Eu como gestora percebo duas vertentes. Eu sou de uma outra geração onde não existia essa possibilidade. As escolas quando se falava em estágio, nossa, achava que era uma coisa de outro mundo. E a gente percebe o quão é importante, né. Quando a Diretoria de Ensino de São Carlos fez essa parceria e ela procurou formar diretor, gestor das escolas para que acolhessem esses estagiários nas unidades escolares, a gente percebe o quão significativo foi porque os estagiários que chegam eles precisam da prática, né, porque é tudo teórico. E nós também precisamos desse olhar novo, esse olhar que eles trazem para gente. A gente percebe que é uma troca muito significativa. Todos ganham”

(Edlara Camargo Cianflone, diretora da escola E.E Aracy Leite Pereira Lopes)

Durante a formação, alguns tópicos principais são abordados:

- A importância do acolhimento do estagiário na escola;
- A importância da escola mostrar os projetos e programas que a escola desenvolve;
- A importância de a escola mostrar as plataformas e recursos que a rede utiliza (ex: plataformas de avaliação da aprendizagem, boletim do Ideb, boletim do Saesp)

¹⁰ Professor Coordenador é o nome que a Secretaria Estadual de Educação de São Paulo dá para a liderança pedagógica da escola, em outros contextos também chamado de Coordenador Pedagógico.

Em mais detalhes, a DE busca sensibilizar os gestores e coordenadores pedagógicos ilustrando o que é e o que não é o estágio supervisionado que a DE almeja, por exemplo, utilizando a figura abaixo:

Figura 9. Paradigma de formação do estagiário

Paradigma anterior	Paradigma atual
<ul style="list-style-type: none">• A responsabilidade pelo estágio é da Universidade.• O estagiário é visto como aluno universitário.• O estagiário observa a prática da escola e analisa essa realidade mediante a teoria.• Na escola, o professor regente é o responsável pelas atividades do estagiário.• Falta de articulação entre a formação da Escola e da Universidade.	<ul style="list-style-type: none">• Corresponsabilidade da Escola e da Universidade na formação do estagiário.• O estagiário é visto como futuro professor.• O estagiário vivencia a docência numa concepção interacionista de aprendizagem.• Todos da escola estão envolvidos com a formação do estagiário.• O PC e o PCG são os articuladores desse processo de formação do estagiário.

Imagem elaborada pela DE de São Carlos utilizada durante a formação dos Coordenadores Pedagógicos

Além de deixar clara a visão de estágio da Diretoria de Ensino, a formação também apresenta o amparo legal que sustenta essa visão:

- Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008
- Parecer da Consultoria Jurídica (CJ) e o Decreto Lei 59.215/2013
- Deliberação CEE 111/2012
- Deliberação CEE 126/2014
- Deliberação CEE 132/2015

Durante a formação também é abordada qual a expectativa e quais atribuições de cada ator envolvido no estágio supervisionado. Isso ajuda a trazer clareza sobre papéis e responsabilidades, delimitando o processo. A diretoria estabelece o seguinte para cada ator:

Figura 10. Papéis e expectativas de cada ator do estágio supervisionado

Diretorias de Ensino	Supervisor de estágio na IES
<ul style="list-style-type: none"> • Verificar a documentação solicitada aos estagiários ; • Encaminhar estagiário à escola, após a solicitação feita pelo professor supervisor de estágio da Instituição de Ensino Superior (IES) ou pelo próprio estagiário; • Às Equipes de supervisão e PCNP como colaboração; • Socializar com os estagiários o Plano de Carreira do Magistério Público do Estado de São Paulo, o Sistema de Atribuição de Aulas, as Plataformas de Ensino, Aprendizagem e Avaliação da SEDUC; • Propiciar formação inicial aos estagiários sobre o Novo Ensino Médio. 	<ul style="list-style-type: none"> • Orientar o estagiário na elaboração de um plano de ação (PDE) que contemple o atendimento das demandas da escola receptora; • À direção da escola receptora; • Aprovar o plano de ação proposto pelo estagiário e supervisor de estágio da IES; • Tomar ciência do desenvolvimento do plano de ação no decorrer do estágio supervisionado; • Atestar as horas de estágio realizadas na Unidade Escolar.
Professor Coordenador (PC) da escola receptora	Professor regente da sala de aula
<ul style="list-style-type: none"> • Acolher o licenciando; • Garantir a inserção do futuro professor nas vivências escolares; • Viabilizar a elaboração e o desenvolvimento do plano de ação (PDE) de cada licenciando; • Acompanhar as ações realizadas pelos estagiários em parceria com os professores regentes da sala; • Socializar as atividades e programação escolares com os professores da escola e com os estagiários; • Registrar e documentar todas as atividades desenvolvidas, em todos os momentos do processo, desde a chegada do licenciando à escola até o encerramento das atividades. 	<ul style="list-style-type: none"> • Orientar o estagiário no desenvolvimento do Plano de Ação (PDE); • Engajar o estagiário nas atividades concernentes a seu estágio; • Promover condições favoráveis para a realização desse estágio de forma presencial; • Reportar ao PC qualquer situação que comprometa a formação do futuro professor; • Fornecer devolutiva do andamento do estágio ao corpo gestor da escola; • Obs: Pela legislação vigente não é aceita a realização de estágios com mais de 6 horas de atividades diárias.

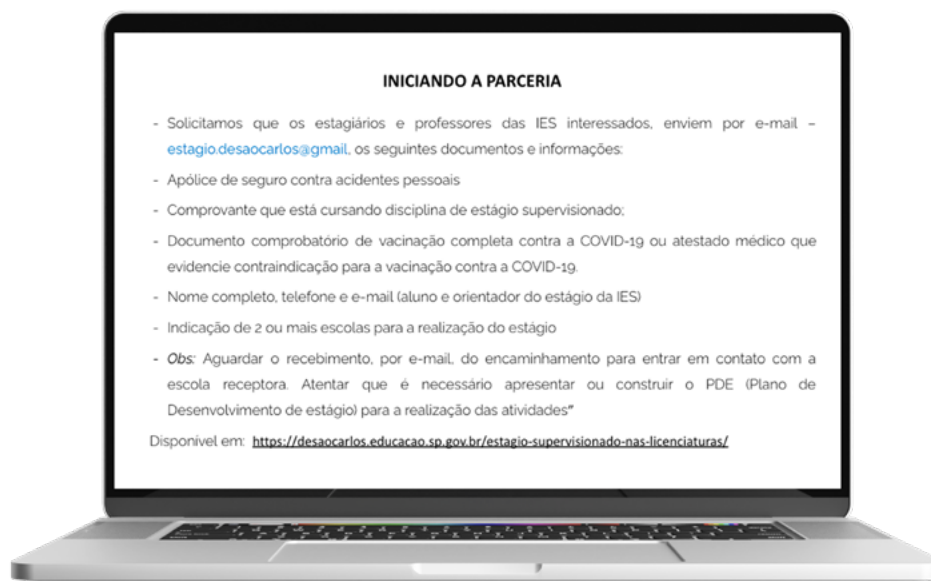
Material elaborado pela DE de São Carlos para uso durante a formação dos coordenadores pedagógicos.

A Diretoria também sugere um foco para a ação do estagiário na escola. Na formação realizada em março de 2022, a DE sugeriu que a ação educativa do estagiário deve ser concentrada em reforço e recuperação escolar, contudo, ressaltando que cabe à cada escola, em comum acordo com a Instituição de Ensino Superior, definir as prioridades para a atuação dos estagiários.

Após essa primeira parte da formação mais relacionada à sensibilização sobre a visão do que é e o que não é o estágio na DE e delimitação de papéis, a DE aprofunda como se dará o processo de implementação do protocolo na prática. Primeiro, explica sobre a adesão das unidades escolares à iniciativa, indicando o formulário Google Forms que deve ser utilizado para essa ação e explicando as informações que são solicitadas no formulário. Depois, a DE também mostra a planilha única de cada escola, explicando as colunas e linhas da planilha, esclarecendo assim quais dados devem ser preenchidos. Eles explicam onde e como encontrar o link da planilha de cada escola e depois explicam como deve ser registrada a frequência dos estagiários mostrando o instrumento do livro ponto.

Também nesse momento, é explicado como se dá a inscrição dos estagiários. A DE apresenta um passo a passo do processo e os documentos necessários:

Figura 11. Processo de inscrição dos estagiários nas escolas



Lâmina de slide elaborada pela DE de São Carlos para uso durante a formação dos coordenadores pedagógicos.

Neste momento a DE também apresenta o formulário de *feedback*¹¹ que os estagiários devem responder ao concluírem o estágio. Por fim, a DE oferece uma sugestão de roteiro para apoiar a implementação do estágio na unidade escolar:

Figura 12. Sugestão de Roteiro de implementação do estágio na escola

1. Realizou a adesão da escola e enviou os dados dos responsáveis pelo estágio na UE?
2. “Recebeu” estagiário pela Diretoria de Ensino?
3. O estagiário entrou em contato com a escola e apresentou o comprovante de matrícula na disciplina de estágio supervisionado ou afins, apólice de seguro e comprovante de vacina?
4. Apresentou o(s) professor(es) regentes da sala de aula ao estagiário?
5. Mostrou ao estagiário os indicadores (IDEB¹², AAP¹³, ADE¹⁴, MMR¹⁵) que podem subsidiar a elaboração do PDE (Plano de desenvolvimento de estágio)?
6. Conseguiu apresentar a política educacional do Estado de São Paulo, o currículo oficial, o Novo Ensino Médio, as plataformas disponíveis de ensino e aprendizagem e de avaliação?
7. Apontou ao estagiário quais as necessidades da escola? Como sugestão, olhe com carinho para a recuperação e reforço.
8. O estagiário entregou o PDE para a escola? Foi aprovado?
9. Já cadastrou o estagiário na planilha google docs?
10. Está acompanhando o desenvolvimento do estágio?
11. O diretor está informado sobre o desenvolvimento do estágio?
12. O estagiário concluiu o estágio? Verificou as horas realizadas? E o desenvolvimento do PDE?
13. Conversou com o estagiário e deu um *feedback* sobre a atuação dele?
14. Perguntou ao estagiário como a escola pode melhorar para aprimorar a formação do estagiário?
15. Solicitou para o estagiário dar *feedback*?
16. Anotou a ação para contemplar em seu Plano de Trabalho a formação dos estagiários e da equipe docente?
17. Tudo pronto. Arquive o expediente.
18. Parabéns.

11 Esse formulário será aprofundado no tópico “3.3.6. 6 - Monitoramento e avaliação” deste documento.

12 Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

13 Avaliação de Aprendizagem e Processo: esta é a avaliação bimestral realizada na rede de ensino estadual de São Paulo.

14 Avaliação Diagnóstica de Entrada: é a avaliação diagnóstica realizada na rede de ensino estadual de São Paulo.

15 Método de Melhoria de Resultados: é uma metodologia utilizada pela rede de ensino estadual de São Paulo na melhoria contínua dos resultados de aprendizagem dos estudantes. O MMR contém diversos indicadores que são acompanhados periodicamente pelas escolas.

Segundo entrevistas com atores da Diretoria de Ensino, não há mais resistência das escolas em relação a essa nova forma de pensar o estágio supervisionado. Destacam que há alguns anos, quando o projeto começou, havia maior resistência, mas que hoje a visão compartilhada da corresponsabilização da formação do futuro docente já é consolidada, principalmente quando se ressalta que o estagiário não é um mero observador do professor e sim um parceiro e apoio para a escola.

Além da formação semestral para as escolas, a DE também realiza dois encontros por ano, não obrigatórios, com os estagiários. Os encontros têm duração de aproximadamente 3 a 4 horas, a depender da agenda e dos temas. Por exemplo, neste momento, início do segundo semestre de 2022, a DE está discutindo sobre como apresentar a nova carreira docente do estado. Além disso, antes da pandemia, os encontros aconteciam presencialmente em uma das escolas estaduais, contudo, a DE tem repensado o formato para que aconteça online, pois este já é ambiente comum para os jovens licenciandos e também por possibilitar maior engajamento, já que não depende de locomoção.

O objetivo dessa formação é principalmente informar aos estagiários sobre a carreira docente nas escolas estaduais (ingresso e evolução na carreira) e o passo a passo de como funciona a manifestação de interesse pelas vagas abertas e atribuição de aula. Além da apresentação sobre a carreira docente na rede estadual de São Paulo, a DE também apresenta as plataformas utilizadas pela rede, como por exemplo a plataforma de avaliação formativa do CAed, o Centro de Mídias de São Paulo e a Escola de Formação (EFAPE). Essa estratégia é outra forma que a DE encontrou de motivar os estagiários a seguir a carreira docente da rede.

Além da formação institucionalizada ofertada pela DE para os coordenadores de gestão pedagógica, as entrevistas também destacaram o quanto o estágio vai além da formação do futuro professor, mas também contribui muito para a formação continuada dos professores e desenvolvimento da escola. O estágio também oferece uma oxigenação nas práticas da escola, como por exemplo a discussão e o desenvolvimento de novas metodologias, sugestão de metodologias ativas, o apoio e a facilidade dos estagiários com o uso de tecnologias para aprendizagem, como meios de apoiar o professor com os estudantes mais avançados ou aqueles com mais dificuldade de aprendizagem, na idealização e implementação de projetos, promovendo questionamentos sobre as metodologias utilizadas fomentando assim a reflexão sobre a prática, etc. A dirigente Débora destaca:

“(...) quando o estagiário traz uma nova ideia ele acaba movimentando a nossa sala, são mais percepções do que certezas, quanto mais a gente formar o CP, e mais ele puder transmitir essa visão para os professores, melhor. Não é um professor auxiliar e não é um estagiário submisso, ele pode ser alguém que pode ajudar a tirar as dúvidas.”

(Débora Blanco, Dirigente da Diretoria de Ensino de São Carlos)

3.3.5. 5 - Execução do Protocolo

Após as primeiras conversas com IES e escolas, formação das escolas em meados de 2016, o protocolo foi sendo executado como esperado. Primeiramente, no começo de cada ano, as escolas fazem adesão ao estágio, indicando quantos estagiários a escola deseja receber e quem são os professores responsáveis pelos estagiários, indicando inclusive o e-mail de contato, pois é através deste endereço eletrônico que a DE irá comunicar quando um estagiário for atribuído a determinada escola.

No primeiro semestre de 2022, 72% (33 de 46) das escolas participaram do projeto e receberam estagiários. Podemos ver a evolução e os efeitos da pandemia no número de escolas que fizeram adesão à iniciativa:

Figura 13. Total de escolas estaduais atendidas de 2019 a 2022

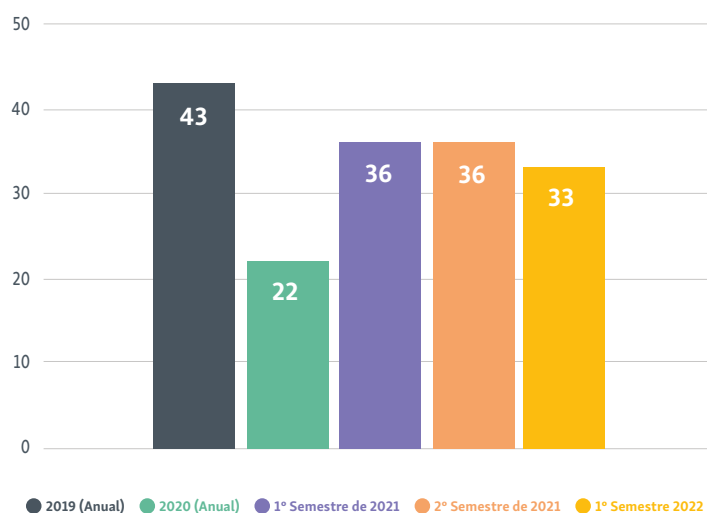


Gráfico de elaboração própria da DE São Carlos

Após a adesão anual das escolas na iniciativa, acontece a formação dos diretores e coordenadores pedagógicos das escolas estaduais, duas vezes por ano, como explicado na seção anterior. Paralelos à formação, a DE recebe as inscrições dos estagiários pelo e-mail institucional da iniciativa. A inscrição dos estagiários pode acontecer de duas formas:

1. o professor da IES já desenvolve um projeto em alguma escola (por exemplo, educação inclusiva) e esse professor já conversa com a professora da escola para combinar o estágio do licenciando. De qualquer maneira, o professor ou esse licenciando deve encaminhar um e-mail para a DE com os dados e documentos: nome da instituição de ensino superior, nome da escola, nome do estagiário, e-mail e telefone do estagiário, disciplina que vai acompanhar, apólice de seguro, comprovante de que o aluno está matriculado, carteirinha de vacinação.

2. a universidade não tem contato com as escolas, o que ocorre principalmente com os licenciandos cursando EaD. Nesses casos, os licenciandos podem mandar um e-mail com as mesmas informações (nome da instituição de ensino superior, nome da escola, nome do estagiário, e-mail e telefone do estagiário, disciplina que vai acompanhar, apólice de seguro, comprovante de que o aluno está matriculado, carteirinha de vacinação) e informando suas primeira e sua segunda opção de escolas.

Quando as inscrições dos estagiários começam a chegar, seja por um caminho ou outro, duas supervisoras na DE são responsáveis por analisar os documentos e informações enviadas e verificar se as duas opções de escolas que o estudante demonstrou interesse ainda têm vagas. A preferência é encaminhar o licenciando para a sua primeira escolha de escola, caso não seja possível, ele é encaminhado para a segunda opção que escolheu. Dar a oportunidade de escolha de até duas escolas aos licenciandos e buscar atender a prioridade indicada por ele é uma forma de motivar o estagiário a não desistir do estágio, informa Sônia, Supervisora da DE. Nos casos em que não há vagas nem na primeira nem na segunda escolha, a DE faz uma devolutiva para o estagiário informando que não há vagas e perguntando se há uma terceira opção ou oferecendo a lista de escolas que ainda tem vagas em aberto.

Um dos objetivos da mediação da DE entre escolas e IES é garantir que haja uma distribuição mais equitativa entre os estagiários nas escolas. Dessa forma, escolas mais periféricas também podem se beneficiar e receber estagiários.

“As vezes ele pede uma [escola] que já está sobrecarregada. por exemplo, a gente tem uma escola que fica bem no centro que é caminho para as IES, todo mundo quer trabalhar lá. A escola determinava o número de estagiários pro disciplina, mais as vezes o estag terminava antes e a vaga ficava trancada. Escola Alvara Aguião, só encaminhamos noturno, pois poucas escolas atendem noturno.”

(Sônia Mercedes Antunes Silva, Supervisora de Ensino na Diretoria de Ensino de São Carlos)

A distribuição dos estagiários nas escolas ainda não é a mais equitativa, sendo um dos desafios destacados em diversas entrevistas por diferentes atores da DE e das escolas:

“Se a gente foge muito da escola que foi indicada pelo estagiário e manda para uma escola periférica, a chance desse estagiário continuar as vezes não é muito alta, a gente tem que levar isso. As escolas de Ibaté pedem muito pra mandar estagiário, mas pra ele se locomover até lá é mais complicado.”

(Bruno Turci, Professor Especialista em Currículo (PEC) na Diretoria de Ensino de São Carlos)

“(…) Nós (a escola) também precisamos desse olhar novo, esse olhar que eles (estagiários) trazem pra gente. A gente percebe que é uma troca muito significativa. As escolas que se abrem para o estágio supervisionado, a gente percebe uma revolução tremenda, porque todos ganham. A gente percebe uma

profissionalização, um crescimento, um amadurecimento nessa questão de parceria no estágio supervisionado, e como ele é rico para todos. Ele enriquece o ambiente escolar. Além disso, muitos dos alunos se espelham nesses estagiários. Eles enxergam a possibilidade de chegar numa universidade, a gente que é de uma região de uma escola vulnerável, a universidade para muitos é distante. E quando vem os estagiários, eles vem com esse brilho no olhar, e muitos desses estagiários que chegam na escola vem também de um perfil parecido com esses de escola pública e eles começam a levar esse sonho, por isso pra gente é uma grande troca.”

(Edlara Camargo Cianflone, diretora da escola E.E Aracy Leite Pereira Lopes)

Atualmente, com a visão compartilhada do estágio como algo positivo e frutífero para as escolas, existe até uma certa “disputa” por estagiários. As escolas centrais ainda recebem a maioria dos estagiários e as mais periféricas frequentemente contatam a DE pedindo que enviem mais licenciandos. Isso demonstra o quão articulado e fortalecido o estágio supervisionado é na rede, pois há uma oferta organizada e uma demanda muito clara, confirmando que a presença do estagiário na escola é benéfica para todos. Sônia, Supervisora da DE e Edlara, diretora de uma das escolas ressaltam:

“(…) a gente sempre escuta, “ah, vocês não tem como me mandar uns alunos da pedagogia? Porque eu tenho um problema na escola e acho que eles podem ajudar” ou “ah, eu tenho um laboratório com pouco uso, quem sabe os estagiários não podem ajudar, tem pra mandar?” e tem os ‘micos’, “ah você nunca me mandou estagiário.”

(Sônia Mercedes Antunes Silva, Supervisora de Ensino na Diretoria de Ensino de São Carlos)

“Hoje a gente acolhe o estagiário com muita alegria porque a gente sabe que abrem portas, abrem horizontes. A escola cresce e passa a ter uma visibilidade melhor. Antes a gente percebia gestores com aquela política de resistência. Hoje a gente briga pra ter essa parceria, hoje todo mundo quer os estagiários.”

(Edlara Camargo Cianflone, diretora da escola E.E Aracy Leite Pereira Lopes)

“A nossa escola é de uma região um pouco afastada das universidades. Então geralmente os licenciandos acabam dando preferência para as escolas que estão mais perto, por questões de transporte, e o estágio obrigatório não é remunerado, então não tem auxílio daí por isso a Lara [Edlara] fala que a gente briga. Daí a gente fala ‘pô, não manda nenhum estagiário’. Esse primeiro semestre de 2022 a gente não teve nenhum.”

(Grazielle Alves, Coordenadora De Gestão Pedagógica Geral da escola E.E Aracy Leite Pereira Lopes)

O processo anual de adesão das unidades escolares ao estágio e o esforço de distribuir mais equitativamente os estagiários é um dos principais ganhos observados pelas universidades. Segundo as entrevistas

tas com professores de estágio da USP e UFSCar, com o protagonismo de coordenação da DE em relação ao estágio, mais escolas passaram a aderir ao programa o que aumentou as possibilidades de escolha dos licenciandos. Diversificar as escolas em que os licenciandos estagiam também proporcionou que diferentes contextos e desafios das escolas fossem discutidos na universidade, não limitando apenas às escolas centrais, as quais geralmente contam com mais recurso e muitos estagiários.

O objetivo da DE é continuar aprimorando a distribuição dos licenciandos nas escolas, uma vez que as unidades escolares mais centrais são as mais procuradas e as escolas na periferia costumam ser preteridas, especialmente pela dificuldade de locomoção e a falta de transporte público. Nesse sentido, uma das ideias que a DE vem estudando é de criar uma página para cada escola, com informações sobre os programas, projetos, valores e visão, PPP, endereço físico e informações de contato, gerando assim um catálogo online de escolas em que o licenciando pode conhecer mais sobre o trabalho desenvolvido em cada uma delas e se interessar pelos seus atributos e desafios, não fazendo a opção apenas em razão da localização. Além disso, discute-se também a possibilidade de oferecer algum tipo de auxílio para transporte desses estagiários, o que poderia ser um incentivo para que os licenciandos escolham escolas mais periféricas.

Além de aumentar as possibilidades de escolha dos licenciandos, o protocolo também permitiu que a DE se aproximasse de outras instituições de ensino superior que antes não eram próximas ou mesmo conhecidas. Historicamente a DE tem uma relação com as principais universidades públicas da região, como a USP e a UFSCar. Contudo, com a mediação do processo de estágio, passaram a conhecer e se aproximar das universidades de curso EaD como a Uninove e a Cruzeiro do Sul, as quais possuem polo na cidade. No primeiro semestre de 2022, os estagiários das escolas estaduais de São Carlos provinham de 20 instituições de ensino superior diferentes e podemos ver a evolução e os efeitos da pandemia nesses números:

Figura 14. Total de Instituições de Ensino Superior atendidas de 2019 a 2022

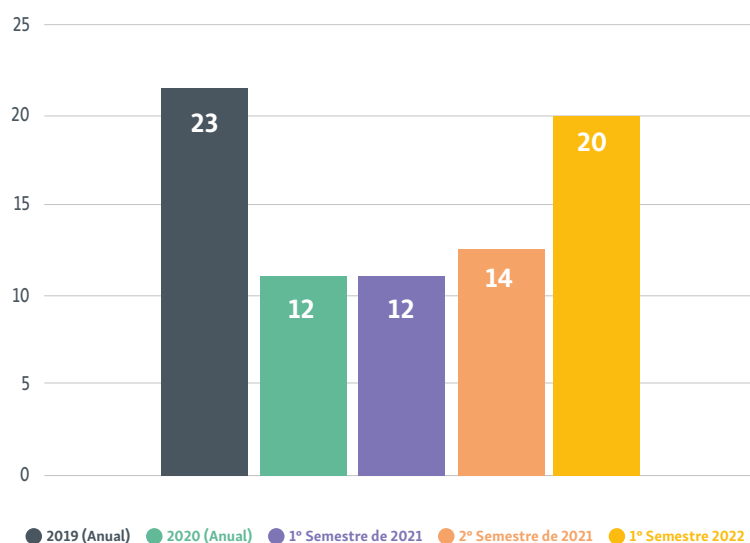


Gráfico de elaboração própria da DE São Carlos

Figura 15. Distribuição de estagiários de acordo com a Instituição de Ensino Superior no 1º semestre de 2022

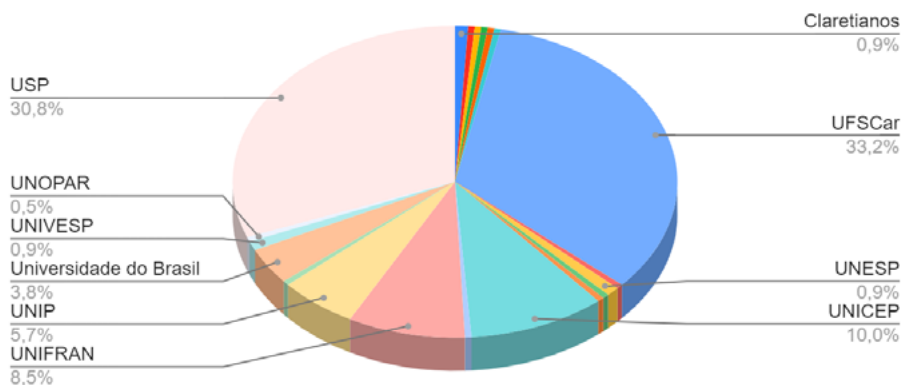


Gráfico de elaboração própria da DE São Carlos

Para apoiar a implementação do estágio nas unidades escolares, a DE oferece uma sugestão de Roteiro (clique aqui). Espera-se que a escola apresente o espaço físico, os projetos e programas da escola e da rede de ensino, os indicadores educacionais como IDEB e outros utilizados pela rede, o livro de registro de horas e atividades do estagiário (livro ponto), e o professor que o estagiário acompanhará. Depois dessa apresentação geral, o estagiário normalmente tem a oportunidade de conhecer e sentar com o professor regente e combinar os detalhes sobre horários de aula e outros momentos formativos fora da sala de aula que o estagiário acompanhará, como reunião de pais, conselho escolar etc. Há escolas que agendam a apresentação inicial com vários estagiários de uma vez, para começarem no mesmo dia e horário. Outras escolas organizam o acolhimento conforme a chegada dos estagiários ou organizando uma grande reunião inicial de acolhimento, em que são apresentadas expectativas, papéis, e a escola.

Nesse sentido, fica claro a descentralização da implementação da iniciativa do estágio, que delega às escolas a escolha do professor e adaptações necessárias ao plano de estágio. Veja abaixo o relato da coordenadora pedagógica da escola E.E Aracy Leite Pereira Lopes e da Supervisora de Ensino Sônia da DE São Carlos:

“Quando o estagiário chega, a gente alinha a parte documental e geralmente o contato mais próximo do estagiário é com o professor mesmo. O estagiário alinha o plano de estágio com o próprio professor e se por acaso a escola tiver outras demandas, no decorrer a gente vai ajustando esse plano. Quando a gente recebe a formação a gente tem acesso a um checklist (Roteiro) da DE sobre o acolhimento do estagiário, e daí a gente faz o check. A gente também faz um registro das atividades que o estagiário realiza, apresenta o estagiário para o professor, apresenta os horários, e depois eles conversam entre eles para ajustar detalhes.”

(Grazielle Alves, Coordenadora De Gestão Pedagógica Geral da escola E.E Aracy Leite Pereira Lopes)

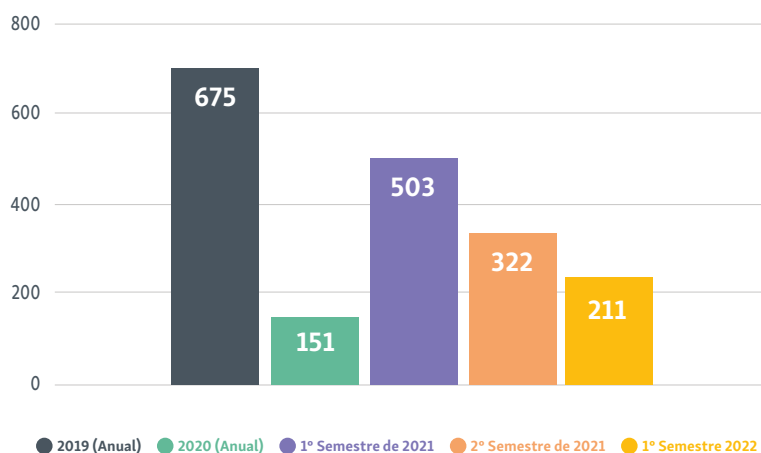
“A gente não intervém no plano, a gente exige que tenha o plano, mas cada escola sabe o que precisa, o que quer. Não informamos que horas é o estágio, qual o professor. Isso é tudo decidido quando ele [estagiário] chega na escola.”

(Sônia Mercedes Antunes Silva, Supervisora de Ensino na Diretoria de Ensino de São Carlos e responsável pela formação dos coordenadores pedagógicos)

Na conversa do estagiário com o professor que o acompanhará, eles discutem conjuntamente o plano de estágio que geralmente é desenhado seguindo as orientações e diretrizes da instituição de ensino superior. Contudo, esse momento inicial em que estagiário e professor regente discutem o plano de estágio é incentivada pela DE com o objetivo de que escola e IES alinhem as expectativas, ou seja, que o professor entenda as expectativas do estagiário quanto ao estágio e que o estagiário também compreenda o que a escola e o professor esperam e precisam.

No primeiro semestre de 2022 a Diretoria de São Carlos registrou 211 estagiários ativos na rede, e abaixo podemos ver a evolução e os efeitos da pandemia nesses números:

Figura 16. Total de estagiários de 2019 a 2022



Após o acolhimento do estagiário, cada escola deve preencher a planilha única da sua escola. A planilha é apresentada durante a formação e cada escola deve preencher os dados para cada estagiário que se apresenta. A planilha é no formato Google Planilhas o que facilita o acompanhamento da DE, já que se trata de ferramenta online colaborativa, que permite que os e-mails com acesso ao documento editem instantaneamente as informações para que outros que tenham acesso consigam ver as mudanças no mesmo momento, com informações atualizadas automaticamente. A planilha online facilitou o trabalho da DE em identificar as vagas de estágio disponíveis em cada escola, pois uma das informações requeridas é se o licenciando terminou o período de estágio. A planilha deve ser preenchida assim que o estagiário chega na escola, indicando o início e conclusão do estágio.

3.3.6. 6 – Monitoramento e avaliação

Em relação ao monitoramento da iniciativa, o principal instrumento de gestão utilizado é a planilha de cada escola. A planilha, como explicado brevemente em outras seções desta pesquisa, utiliza a ferramenta do Google Planilhas, o que permite dinamicidade ao monitoramento, uma vez que é um instrumento colaborativo online, em que as informações são atualizadas automaticamente para todos os usuários de e-mail com acesso. A planilha auxilia a Diretoria de Ensino no acompanhamento da implementação do estágio, ou seja, os dados preenchidos informam sobretudo se a documentação obrigatória do estágio foi entregue e se o estagiário já iniciou e concluiu o estágio. O processo funciona da seguinte forma:

1. Após a inscrição do estagiário através do e-mail institucional do estágio e encaminhamento do mesmo para uma das escolas da rede que fizeram adesão, tanto o licenciando, quanto a escola recebem o mesmo e-mail informando sobre a atribuição de escola.
2. Em seguida, uma pessoa dentro da Diretoria de Ensino é responsável por preencher parte das informações da planilha online da escola que o licenciando foi atribuído. As informações que a DE preenche são:
 - a. Nome do estagiário (preenchido pela DE)
 - b. R.G do estagiário (preenchido pela DE)
 - c. E-mail do estagiário (preenchido pela DE)
 - d. Instituição de ensino superior (preenchido pela DE)
 - e. Curso de licenciatura que está cursando (preenchido pela DE)
 - f. Disciplina do estágio (preenchido pela DE)
3. Quando o estagiário chega na escola, a coordenação deve preencher as demais informações presentes na planilha. Algumas informações são preenchidas logo que o estagiário inicia, outras apenas quando o estagiário conclui o estágio. As informações preenchidas pela escola são:
 - a. Procurou a escola (sim ou não) (preenchido pela escola)

- b. Entregou documentação obrigatória do estágio (sim ou não) (preenchido pela escola)
- c. Carga horária de estágio realizada (discutido e definido quando o estagiário chega na escola. Deve ser preenchido pela escola)
- d. Período de realização (preenchido pela escola)
- e. Responsável pelo estágio na unidade escolar (preenchido pela escola)
- f. Concluiu [o estágio]? (sim ou não) (preenchido pela escola)

4. Em paralelo, a pessoa da DE responsável por preencher a parte inicial da planilha periodicamente acompanha as planilhas de cada escola para ver se o estagiário já contatou a escola e se já concluiu o estágio. Quando o estagiário contata a escola para iniciar o estágio e a escola preenche “sim” para a coluna da planilha que diz “Entregou documentação obrigatória do estágio”, o responsável pela planilha na DE colore a linha do estagiário de cor amarela, indicando que ele iniciou o processo, mas ainda não concluiu o estágio. Veja o exemplo de planilha abaixo:

5. Se o estagiário ainda não contatou a escola, ou contatou mas ainda não entregou os documentos obrigatórios do estágio, a DE entende que ele ainda não iniciou o estágio e por isso as linhas da planilha para esse estagiário ficam em cor branca. Por outro lado, se o licenciando já concluiu o período de estágio, a escola deve escrever “sim” na coluna “Concluiu [o estágio]?”, o responsável na DE por acompanhar as planilhas pinta a linha do estagiário de verde.

Veja o exemplo de planilha abaixo que representa a etapa 4 e 5:

Exemplo de Planilha da escola fictícia Escola Estadual Primavera¹⁶

Escola	Nome do estagiário	RG	Email	Inst. de Ensino Superior	Curso	Disciplina do estágio	Carga horária realizada	Período de realização	Procurou a Unidade Escola	Concluiu	Entregou documentação
E.E Primavera	João	XX	XX	UNIP	Letra	Língua Portuguesa	15h	07/03/22 até 08/04/22	Sim	Sim	Sim
E.E Primavera	Maria	XX	XX	UFSCAR	Química	Química	15h	07/03/22 até 08/04/22	Sim	Sim	Sim
E.E Primavera	José	XX	XX	UFSCar	Matemática	Matemática	100h	30/03/22 até 30/06/22	Sim		Sim
E.E Primavera	Pedro	XX	XX	UNICEP	Biologia	Ciências	150h	30/03/22 até 30/06/22	Sim		Sim
E.E Primavera	Luciana	XX	XX	USP	Geografia	Geografia	15h	15/03/22 até 12/04/22	Sim		
E.E Primavera	Joana	XX	XX	UNIP	Física	Física	45h	07/03/22 até 12/05/22			

Cabe aqui ressaltar que a planilha online foi uma melhoria de processo adotada pela DE. Anteriormente, a DE solicitava às escolas que preenchessem um Google Formulário assim que o estudante chegasse na unidade escolar para iniciar o estágio. O formulário solicitava informações semelhantes às solicitadas hoje pela planilha online, como nome do estagiário, documentos obrigatórios do está-

¹⁶ A planilha busca simular a planilha de cada escola em formato Google Planilhas. Foi criado um nome fictício para a escola (E.E Primavera) e nomes fictícios para os licenciados, assim como as demais informações.

gio, carga horária do estágio etc. Contudo, a DE percebeu que o acompanhamento da mobilidade dos estagiários era estática por meio do formulário, pois a DE não conseguia acompanhar caso o estagiário desistia do estágio, se ele concluiu o estágio naquela escola que inicialmente começou, se trancou a disciplina do estágio na IES e com a intenção de retomar depois etc. Isso prejudicava o acompanhamento fidedigno e atualizado dos processos de estágio, dessa forma a planilha online permitiu que a DE acompanhasse com mais agilidade e com informações mais atualizadas o processo individualizado do estágio na unidade escolar

Em relação à avaliação do estágio, a Diretoria de Ensino demonstra uma grande preocupação em coletar devolutivas sobre a experiência dos estagiários durante o estágio. Antes da pandemia, ao final do período de estágio, a escola solicitava que os estagiários preencham um questionário em formato de Google Formulário com as seguintes perguntas:

1. Nome do estagiário (questão aberta)
2. RG (questão aberta)
3. Nome da Unidade Escolar em que realizou a supervisão de estagiários (múltipla escolha da lista de escolas que fizeram adesão à iniciativa do estágio supervisionado na DE)
4. Instituição de Ensino Superior (múltipla escolha das principais IES da região e um campo aberto para escrever outra opção)
5. Responda as questões a seguir numa escala de satisfação de 1 a 5, onde 1 corresponde a insatisfatório e 5 a plenamente satisfatório. Quando necessário utilize a coluna não se aplica para a atividade não realizada.
 - a. A mediação do estágio realizado pela DER - São Carlos com as unidades escolares facilitou a realização do estágio.
 - b. Enquanto estagiário, obteve suporte da equipe de estágio na DER - São Carlos quando necessário.
 - c. O acolhimento recebido na unidade ofereceu informações importantes para o desenvolvimento do estágio.
 - d. Enquanto estagiário, foi bem acolhido pelo Coordenador da Escola.
 - e. A formação realizada na Unidade Escolar atendeu às expectativas de formação do estágio.
 - f. A formação realizada pela Diretoria de Ensino na EE [Nome da escola] atendeu as expectativas de formação de estágio
 - g. A vivência das atividades realizadas no estágio contribuíram para a formação do estagiário.
 - h. O professor de área que realizou as atividades juntamente com o estagiário promoveu uma formação que favoreça a sua inserção no magistério.
 - i. O relacionamento professor de área e estagiário pautou-se nos princípios de cordialidade, respeito e ética profissional.
6. Aponte os pontos positivos da realização do estágio mediado pela DER - São Carlos. (questão aberta)

7. Aponte os pontos para aprimoramento no processo de desenvolvimento do estágio.
(questão aberta)
8. Apresente sugestões de temas a serem abordados em futuras reuniões de formação de estágio numa concepção de trabalho integrado entre Escola e Instituição de Ensino Superior.
(questão aberta)

Apesar da grande preocupação da DE e entendimento da importância do feedback dos licenciandos sobre sua experiência de estágio nas escolas, ainda há um baixo engajamento dos estagiários em preencher o formulário. Uma das hipóteses levantadas pela DE é de que o estagiário pode se sentir intimidado em dar um feedback se é a escola que solicita o preenchimento do questionário. Além disso, segundo entrevistas com atores da DE, o questionário ainda precisa de ajustes e outras estratégias de engajamento. Algumas ideias já foram discutidas, mas nenhuma implementada efetivamente, por exemplo, a assinatura de conclusão do estágio pela escola só será feita após o estagiário preencher o questionário de feedback. Contudo, ainda há dúvidas se essa seria a melhor maneira de engajá-los, uma vez que também pode se tornar um fator desmotivante para os licenciandos. Outras ideias que também são discutidas são a de disponibilizar computadores ou tablets durante o evento do estágio que acontece ao final de cada semestre, momento em que os licenciandos apresentam o trabalho que realizaram a outros estagiários e escolas, ou mesmo solicitar que o licenciando preencha o formulário de feedback como requisito para inscrição no evento de culminância do estágio ou no da formação sobre carreira docente. Sônia, supervisora da DE ressalta:

“O que nós iremos fazer com esse material? São pontos que ainda temos que discutir. A gente sempre tem pontos para avançar.”

(Sônia Mercedes Antunes Silva, Supervisora de Ensino na Diretoria de Ensino de São Carlos)

3.4. O Estágio Supervisionado na prática

Nesta seção abordam-se aspectos referentes ao dia a dia da disciplina do estágio na escola e na IES. Aprofundam-se temáticas sobre como os licenciandos e a IES enxergam o papel do estágio na formação do futuro professor, quais os aprendizados dos licenciandos durante o estágio, a relação entre os atores envolvidos, como o protocolo se concretiza na prática e quais reflexões são feitas na IES a partir da experiência prática do licenciando.

Na visão da professora supervisora do estágio Isadora Valencise Gregolin, da UFSCar, apesar de cada projeto pedagógico ter sua visão própria sobre o estágio, um dos objetivos principais da disciplina é o de “romper as barreiras físicas” entre universidade e escola. Complementando essa visão, Edna Maura Zuffi. Supervisora de estágio da licenciatura de Matemática na Universidade de São Paulo (USP), professora supervisora de estágio da USP, ressalta que o estágio é “oportunidade de o professor começar a ter a suas práticas docentes numa realidade escolar”, além de ser um momento fundamental

para que os licenciandos conheçam o sistema educacional brasileiro. Na visão da Ana, professora supervisora da disciplina do estágio da Unicep, o estágio também é um momento de autoconhecimento e reflexão sobre a profissão professor, pois é nesta experiência que muitos licenciandos decidem se realmente querem ou não seguir a profissão.

Em relação à visão dos estagiários sobre o estágio, todos os 4 entrevistados reforçaram a importância da disciplina para sua formação. Um dos pontos abordados nas entrevistas foi da relevância de se conhecer a realidade da escola pública e do contexto escolar, como podemos observar nas falas a seguir:

“Até por ser minha primeira vez na escola pública, foi muito muito útil. O estágio dá um realismo muito grande. O estágio permite você entender a realidade da escola pública, das políticas, então você sabe como vai ser exatamente, com o estágio é muito difícil você se surpreender com o que pode vir, o estágio ajuda muito, dá um realismo.”

(João Luiz Moraes Gomes, aluno da licenciatura de Matemática da USP)

“Contribuiu para o meu desenvolvimento, ah por mais que tenha tido um pouco de desorganização, é a realidade que a gente vai enfrentar”

(Danilo da Silva Moraes, aluno da licenciatura de Matemática da USP)

“Gostei bastante da experiência, foi muito enriquecedora. Ter esse papel mais ativo foi importante para a minha formação, sentir mais a experiência, ter mais contato com os alunos, ter a experiência de entender os desafios da escola.”

(Murilo do Nascimento Luiz, aluno da licenciatura de Matemática da Cruzeiro do Sul)

“A experiência que eu tive aqui (E.E Aracy Leite Pereira Lopes) como estagiário foi extremamente importante. Essa escola é na região mais afastada e como eu quero trabalhar com formação de professores eu tenho que conhecer a realidade da educação. Vindo pra cá eu aprendi como funciona a educação básica, porque na universidade a gente tem professores que colocam para nós coisas teóricas como se tudo fosse fácil na educação, e como se o vilão fosse o professor, né, a gente chega e já consegue fazer tudo. E quando eu presenciei no estágio, eu percebi que a gente tem um perfil muito subjetivo que varia de aluno pra aluno e de sala pra sala e isso modifica todo o pensar docente. (...) Essa experiência foi substancial para eu persistir na carreira docente, eu ter conhecido a escola básica né.”

(João Pedro Mardegan Ribeiro, professor na E.E Aracy Leite Pereira Lopes e ex-estagiário da escola)

Além de reconhecerem a importância do estágio para sua formação, os licenciandos também compartilharam aprendizados que tiveram durante o estágio. Todos os aprendizados são diretamente relacionados com o fato de estarem em contato com a prática e com o contexto escolar, por exemplo:

“*Eu gosto muito de matemática, o conteúdo e matemática do sexto ano é muito tedioso pra mim, e é muito interessante ver o quão difícil é explicar porque 5×7 é 35, é muito mais fácil resolver uma questão difícil de matemática da Fuvest, do que explicar essas coisas para os alunos do 6º ano. Estar em contato direto com os alunos foi muito bom pra entender*”

(João Luiz Moraes Gomes, aluno da licenciatura de Matemática da USP)

“*Quando eu cheguei tinha um grupo de alunos que tinham problema de comportamento, estavam desinteressados, acabavam falando bastante, e eu percebi que quando eles começaram a ter atenção eles acabaram focando mais. Todos os alunos queriam aprender e gostavam de aprender. O que acontecia é que alguns não estavam conseguindo, e por isso eles dispersavam. Eu não acho que eles não tinham atenção por culpa dos professores, funcionários, é mais pela sobrecarga. Todos os profissionais que eu tive contato eram muito dedicados. Eu fiquei muito feliz com o que eu vi, tinham problemas claro, mas eu fiquei muito feliz de ver que todo mundo queria fazer algo bom.*”

(Murilo do Nascimento Luiz, aluno da licenciatura de Matemática da Cruzeiro do Sul)

“*Antes eu tinha trabalhado com ensino médio, agora com o 8º ano, antes tinha sido mais ensino remoto, híbrido, agora foi mais a realidade mesmo, alunos que parecem mais energizados assim, é a realidade, foi formativo, bastante. (...) Gostei de fazer observação. Foi interessante ver uma relação professor aluno que não é muito boa, talvez entender o que eu não faria, como eu não agiria, eu vi algumas situações que talvez como professor eu evitasse*”

(Danilo da Silva Moraes, aluno da licenciatura de Matemática da USP)

A experiência dos licenciandos entrevistados vai ao encontro da visão que a Diretoria de Ensino tem sobre a importância dessa experiência na formação do futuro professor. Dentre os pontos destacados, eles mencionam o papel ativo e proativo que o estágio demandou deles e a visão dos estagiários como parceiros da escola. Além disso, mencionam que foram bem recebidos, que a escola oferece suporte e dá certa autonomia para sua atuação:

“*Gostei bastante da experiência, foi muito enriquecedora. Ter esse papel mais ativo foi importante para a minha formação, sentir mais a experiência, ter mais contato com os alunos, ter a experiência de entender os desafios da escola. Acho que foi bom tb para a escola, está todo mundo sobrecarregado, acho que essa ajuda foi bem vinda para eles. Eu senti que tiveram alunos que não conseguiriam atenção caso não*

tivessem a figura do estagiário. (...) Me senti muito acolhido, dão certa autonomia, nos enxergam bastante como parceiros, e não como alguém que está no canto tomando aula. Direção, coordenação, professores, todos me acolheram bem”

(Murilo do Nascimento Luiz, aluno da licenciatura de Matemática da Cruzeiro do Sul)

“Na E.E Alvaro Guião eles falam que querem estagiários ajudem, não só observem”

(Danilo da Silva Moraes, aluno da licenciatura de Matemática da USP)

Com os acontecimentos vivenciados na escola, os estagiários retornam para casa e para a IES com objetivo de refletir sobre a prática. No caso das duas IES públicas entrevistadas, USP e UFSCar, a disciplina do estágio tem encontros semanais para discutir as ocorrências experienciadas pelos licenciandos na escola campo. Já as universidades privadas, Cruzeiro do Sul e Unicep, ofertam o curso à distância e por isso as reflexões e discussões são mais individuais, com menor frequência de interação e normalmente com os tutores da disciplina. Em todos os casos o registro reflexivo, que pode ser um diário de campo ou no formato de portfólio, é a principal metodologia utilizada para acompanhar o desenvolvimento e aprendizagem dos licenciandos:

“Os estagiários vão fazendo registros reflexivos no formato de portfólio, e depois isso vira um relatório, a gente vai discutindo juntos, no formato de escrita reflexiva. Reflexões teorizadas sobre a prática. Prática nesse sentido de práxis, teoria e prática não se separam (a gente tem esse princípio)”

(Isadora Valencise Gregolin, Professora Supervisora de estágio da licenciatura de Português e Língua Espanhola na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar))

“A gente marca reuniões quinzenais sobre eventuais problemas e experiências. No diário de campo eles colocam o que acontecesse no dia a dia, isso é uma coisa entre eles e a escola.”

(Ana Claudia Rebolho, Professora Supervisora de estágio no Centro Universitário Central Paulista (UNICEP))

São diversas as temáticas tratadas durante a disciplina do estágio. Nesse processo, as professoras supervisoras do estágio destacam a importância de trazer discussões em que eles possam relacionar a prática que vivenciam e as teorias estudadas em outras disciplinas. Alguns exemplos são:

“Uma prática qualquer nunca é ingênua, nunca é neutra, sempre tá movida por pressupostos teórico e metodológico. As vezes por exemplo, o simples fato de um estagiário que está lá na escola chamar de ‘exercício’ uma atividade já um motivo para a gente fazer uma discussão teórica, nesse ideia de um pressuposto que seria mais behaviourista, de estímulo e resposta. É bem interessante, as vezes o próprio professor da escola, não se dá conta, no dia a dia, tão corrido, de que as vezes um termo que ele usa está imbuído dessas concepções. (...) É sempre bem interessante, ele [professor] ir se dando conta

também do quanto receber estagiário ele modifica as práticas, porque ele começa a repensar aquilo que ele vem fazendo no automático as vezes, há tantos anos, e que por alguma razão faz e não sabe nem explicar porquê. E quando ele tem um estagiário que começa a questionar, ele tem que se questionar. Esse movimento tem sido bem legal, de respeito claro, não somos nós, e a gente aprende também, a gente repensa por que a gente defende tanto uma perspectiva na universidade, mais chega na escola e é tão difícil de se efetivar.”

(Isadora Valencise Gregolin, Professora Supervisora de estágio da licenciatura de Português e Língua Espanhola na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar))

“Tem uma carga horária de aula, a gente estuda muita teoria, alguns textos que envolvem teoria e prática, ve o que é a teoria, ve artigos, exemplos de pessoas que aplicaram, tem essa parte de documentos. Tem um momento da gente contar nossas experiências, eu apliquei assim e deu certo ou deu errado, e contribui para o jeito que a gente pode pensar. Eu to tendo várias experiências e eu to pensando por exemplo o que eu vou fazer diferente”

(Danilo da Silva Moraes, aluno da licenciatura de Matemática da USP)

Um dos aspectos da prática do estágio que merece destaque é a regência. A regência, normalmente, é a última parte da disciplina do estágio que os licenciandos devem realizar. Este é o momento que o futuro professor deve elaborar um plano de aula para um contexto real, refletindo sobre o perfil da turma e os alunos, o conteúdo e as habilidades que irá trabalhar, como isso se relaciona com o currículo e o material didático da rede e quais metodologias ele irá utilizar, e depois conduzir a aula com objetivo de promover a aprendizagem dos alunos.

Esse processo da regência tem suporte sobretudo das professoras de estágio, contudo, em certa medida também envolve o professor regente da escola, especialmente no momento de definir quais as habilidades e conteúdos serão trabalhados na regência. Na entrevista com a professora da USP, Edna Maura Zuffi, ela ainda menciona que costuma encorajar os licenciandos a gravarem a regência para que possam assistir e discutir depois, indo além do relato em palavras. É um processo típico de ação-reflexão-ação durante o estágio que se mostra fundamental para a formação do futuro professor. Alguns relatos sobre essa experiência seguem abaixo:

“O contrato didático, eu não fiz nessa última regência e eu percebi depois que eu deveria ter perdido mais esse tempo, essa uma reflexão que eu tirei, a principal, no próximo estágio, o que funcionou e o que não funcionou, eu já fiz 3 tipos de metodologia diferente.”

(Danilo da Silva Moraes, aluno da licenciatura de Matemática da USP)

“Para a regência, a gente faz um plano de regência, mostra pra ela e ela faz alguns apontamentos. A gente também faz um plano de aula hipotético e apresenta na aula e ela também dá alguns apontamentos. Do plano hipotético,

era um de probabilidade, abordar probabilidade com dados (1 a 6 faces) pode ser confuso para os alunos. Usar simbólicos para tratar de probabilidade com alunos do 6º ano, é muito número, poderia usar frutas, por exemplo.”

(João, licenciando em matemática pela USP)

“Gravação de regência do estagiário, os Bolsistas Educadores¹⁷ fazem comentários. Uma semana antes deles aplicarem as atividades na escola, eles têm que me mandar e a gente faz uma avaliação do que está sendo proposto. Alguns aspectos que a gente observa são a abordagem do conteúdo, com segurança, domínio do tempo, capacidade de gestão do tempo, gestão dos próprios estudantes. São coisas que o professor tem que aprender, a disciplina e a ordem da sala, para que eles se engajem na atividade.”

(Edna Maura Zuffi. Profa. Dra. Supervisora de estágio da licenciatura de Matemática na Universidade de São Paulo (USP))

Além disso, também foi destacada a importância de outros espaços de aprendizagem que não apenas a sala de aula. Não só os professores das IES, mas também os licenciandos, reconhecem que participar de outros momentos pedagógicos da escola contribui para o seu desenvolvimento enquanto futuro docente.

“Trabalha a questão do espaço da sala dos professores, o momento do cafézinho pedagógico, como se referir aos alunos e as aulas, tentando enxergar nesse momento um espaço importante para fazer uma autoavaliação da 1ª aula e pensar pontos de ajuste. Não é só na sala de aula, outros espaços da escola também fazem parte da aprendizagem. A forma de computar a carga-horária é do momento que chega da escola até o momento. Ou seja, tudo que ele faz na escola são as atividades que eles discutem.

(Isadora Valencise Gregolin, Professora Supervisora de estágio da licenciatura de Português e Língua Espanhola na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar))

Em relação ao protocolo de estágio da Diretoria de Ensino, alguns entrevistados relataram certa burocracia no processo de inscrição e início do estágio, chegando a demorar mais de 3 semanas até poderem de fato iniciar. Isto provavelmente ocorreu, pois o estagiário inicialmente contatou a escola e a escola o orientou a seguir o protocolo de estágio da Diretoria de Ensino. Um dos estagiários sugere que a faculdade poderia ajudar nesse processo, por exemplo, assim que os estudantes se matriculam na disciplina do estágio a faculdade poderia enviar um e-mail com as orientações sobre o protocolo de estágio da DE, a lista de escolas e outras informações úteis.

¹⁷ O Bolsista Educador é uma pessoa que recebe bolsa e apoia a disciplina do estágio na USP. A professora supervisora do estágio Edna explica que este ator pode apoiar, por exemplo, dando feedback sobre a regência gravada pelo licenciando ou orientando as dúvidas dos licenciandos sobre o estágio. O bolsista educador tem o contato direto com os estagiários por meio de Whatsapp, sistema da universidade ou e-mail.

Mais de um estagiário relatou que sentiu falta de uma apresentação estruturada sobre a escola, os programas da rede de ensino, os projetos, o currículo, o Projeto Político Pedagógico da escola e os índices de aprendizagem. Dos que participaram de uma reunião inicial sobre estágio, mencionam que o conteúdo da conversa foi mais relacionado às expectativas da escola sobre os estagiários e questões mais práticas como vestimenta dos licenciandos e horários. Apesar desses relatos, o número de entrevistados não pode representar a maioria dos licenciandos e escolas da DE, pois a amostra é muito pequena para generalizar que isso aconteça da mesma forma em outros casos e escolas.

Ainda sobre a relação entre estagiários e professores e coordenadores pedagógicos da escola, muitos relatam que se sentiram acolhidos e apoiados pelas equipes escolares. O contato com o professor regente da escola era mais esporádico e informal, não ocorrendo reuniões periódicas de feedback ou orientações mais aprofundadas, o que pode ser uma oportunidade de tema formativo nas futuras formações que a DE realizar. Apesar disso, todos relataram que havia abertura com as professoras regentes caso quisessem marcar uma reunião mais direcionada. Alguns relatos são:

“Era mais informal os combinados. ‘Ah, João, eu preciso que você me ajude passando esses exercícios na lousa enquanto eu corrijo caderno’. Na entrevista que eu realizei com ela, a gente avançou sobre alguns assuntos, ela dava abertura caso eu precisasse conversar sobre algo específico. (...) A relação com a coordenação foi muito boa, e a relação da coordenação com os professores era muito boa, se eu for trabalhar lá, eu sei que eu não vou estar sozinho, sabe, a coordenação apoia muito o professor, são pessoas que tem uma visão de fazer um bom trabalho, promover uma boa educação, ver pessoas que realmente lutam pela educação, foi animador, tem várias pessoas tentando.”

(João Luiz Moraes Gomes, aluno da licenciatura de Matemática da USP)

“A gente conversava bastante, mesmo tendo pouco tempo. Mais no intervalo, um pouco antes de ir pra aula, na saída, em torno de 5 a 10 min. As duas conversavam bastante comigo, cada uma tinha uma abordagem, a prof do 8º ano me enxergava mais como um colega e a professora do 6º me enxergava mais como um estudante. A professora do 6º ano tentava me dar mais feedback, ideias, e a professora do 8º ano ela conversava mais sobre o trabalho, os dois juntos foi bem bacana, ter essas duas posições, ter a oportunidade de ser um pouco mais ativo em termos de dar opiniões, e por outro lado receber bastante experiência. (...) Em algum momento eu passei a dar como que uma aula particular para alguns alunos. Ela ouvia bastante meus feedbacks sobre os alunos, as dificuldades e a gente acabou selecionando alguns alunos para eu dar apoio mais direto. Isso não acontecia sempre, era mais quando a gente ia sentindo. As vezes ela me colocava para atender todos os alunos, mas colocando pra eu atender/ficar atento a alguns alunos específicos.”

(Murilo do Nascimento Luiz, aluno da licenciatura de Matemática da Cruzeiro do Sul)

3.5 Estratégias de engajamento, articulação e suporte

Um dos principais aspectos de sucesso da iniciativa se deve às ações de engajamento, articulação e suporte realizadas pela DE. Dentre essas estratégias, destacam-se as seguintes:

1. Valorização do estagiário como parceiro e futuro professor da rede

É evidente nas entrevistas que o novo paradigma do estágio já é uma realidade entre os diferentes atores. Não só diretoria de ensino, mas também equipe escolar e até mesmo os estagiários mencionam relatos semelhantes sobre a visão do estágio e do estagiário nas escolas da DE. Mencionam inclusive as mesmas frases e palavras: «o estagiário como parceiro da escola», «a formação do futuro docente da rede», «o estagiário aprende muito com a escola e a escola aprende muito com o estagiário», «não é só estágio de observação, aqui a gente quer um estagiário que participe».

Além da formação semestral para coordenadores pedagógicos das escolas, a DE também tem outras ações que demonstram uma forte valorização do papel do estagiário para o sucesso escolar. Nos últimos anos, com exceção do período de pandemia do Covid-19, a DE realizou um evento semestral com todos os estagiários, professores regentes, equipe gestora da escola e professores supervisores de estágio das instituições de ensino superior para socialização das atividades que foram realizados durante o estágio, incentivando que as escolas apresentassem os projetos. Esse encontro tem como principais objetivos compartilhar as boas práticas, ideias e resultados entre escolas de como os estagiários podem apoiar o trabalho pedagógico da escola e também reconhecer o trabalho valoroso que os estagiários realizam. Além disso, também é uma oportunidade de aproximar a IES das escolas e os estagiários das escolas em que realizaram o estágio.

A partir dos encontros realizados a DE elaborou um e-book relatando as boas práticas e aprendizados das experiências apresentadas. Acesse aqui o PDF do e-book. Um caso compartilhado durante esses eventos foi destacado pela Ângela:

“A contribuição dos estagiários no processo de alfabetização. Eu participei e acompanhei na escola Elisa Venete um processo de alfabetização que a coordenadora trouxe para as estagiárias e elas abraçaram a ideia e foi bem bacana. (...) Era a metodologia da ‘boquinha’, a coordenadora trouxe uma metodologia diferente que ajudava as crianças com dificuldade de alfabetização e as estagiárias abraçaram e incorporaram e teve um resultado foi bem positivo no processo de alfabetização. Crianças que tinham bastante dificuldade na leitura e na escrita desenvolveram bem a partir dessa parceria que fizeram com essa metodologia”

(Ângela Do Carmo Paula Gomes, Supervisora de Ensino na Diretoria de Ensino de São Carlos)

De acordo com a teoria organizacional denominada *Evolutionary Learning*, a ação da DE é exatamente alinhada a um dos preceitos principais dessa alternativa para funcionamento das organizações: buscar e construir o conhecimento dentro da própria comunidade, ou seja, dentro da escola, com os professores, coordenadores e estagiários, pois são eles que vivem diariamente o contexto e os desafios, e sistematizar os conhecimentos para que se tornem transferíveis entre escolas, registrando o que dá certo e circulando a informação dentro da própria DE. Um relato interessante sobre esse aspecto foi:

“Quando a gente tem as boas práticas e compartilha a gente tenta abrir a cabeça dos professores e coordenadores pedagógicos sobre como o estagiário pode ajudar. A gente teve um estagiário que engajou os estudantes a participar das olimpíadas de astronomia. O estagiário percebeu o papel dele enquanto professor.”

(Bruno Turci, Professor Especialista em Currículo (PEC) na Diretoria de Ensino de São Carlos)

2. Formação e sensibilização dos atores da escola com forte embasamento teórico

Outra estratégia para engajamento e implementação do projeto foi a percepção da Diretoria de Ensino de que para sensibilizar as escolas e mudar o paradigma do estágio seria necessário ter eventos formativos recorrentes, semestrais, com um forte embasamento teórico. Quando a DE iniciou os diálogos sobre a iniciativa do estágio, ainda havia muitas resistências quanto ao papel do estagiário, que ainda era visto como um observador julgador do trabalho do professor e que a escola que recebe abre as portas para o estágio estaria acumulando trabalho extra aos professores e coordenadores. O embasamento teórico em Canário (2007) e Iza e Souza Neto (2015) foi fundamental para a sensibilização dos atores escolares. Em entrevista com a professora supervisora de estágio da UFSCar, ela ressalta:

“Lá em 2008, 2009, 2010, havia muita mudança de diretor, coordenador. As escolas não entendiam o seu papel na formação do estagiário. Então, entendiam que era um espaço que abriam, e havia sempre, claro, uma boa vontade, mas não havia um comprometimento na formação. Era algo que tinha que ser a Diretoria de Ensino a fazer, não dava para a universidade fazer isso, primeiro pois não temos legitimidade, e também temos esse contato de todos. (...) Depois elas começaram também a fazer um papel formativo, que acho foi fundamental, foi a grande diferença mesmo, mesmo a gente já tendo professores que tinham parceria conosco e mais ou menos entendiam esse papel de co-formação e co-responsabilidade, mas foi esse trabalho mesmo que elas seguem fazendo e acho que isso se multiplicou dentro da escola. E a gente sabe que essa ideia vem sendo discutida há décadas no campo teórico.”

(...)

“*Todo início não é fácil, né, você tem que romper com as culturas, é mais trabalho para uma rede que já está sobrecarregada. Quando a DE começou [a organização do estágio] a gente percebia tinha certas resistências na escola, com os diretores, coordenadores. Mas com o tempo as escolas vão percebendo a perceber que tinham ganhos. Vão percebendo os ganhos com a ida da universidade, dos estagiários. Ter um estagiário para poder dialogar, é também um apoio, de trabalhar essa questão de identidade profissional, falar sobre si, sobre o seu trabalho de professor como alguém de fora. Falar sobre si, é um processo crítico reflexivo sem esse compromisso de estar sendo avaliado ou julgado. A gente sente que as avaliações entre pares está afligindo os docentes, principalmente nas PEI, ter um espaço aberto na escola para falar o que sente, as inseguranças, e sair do âmbito pessoal (culpabilização, dos meus índices, da minha sala, da minha turma) e ir para uma dimensão profissional (a partir dos indicadores, das evidências, não só para a escola, mas vendo o componente em relação à rede)*”

(Isadora Valencise Gregolin, Professora Supervisora de estágio da licenciatura de Português e Língua Espanhola na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar))

3. Canais de comunicação claros e abertos entre DE <> IES <> Escola

Algo que se nota que faz muita diferença na articulação e engajamento dos atores da iniciativa é a presença de canais de comunicação, sejam os institucionalizados (e-mail do estágio e a própria sede da Diretoria de Ensino), sejam os informais (especialmente Whatsapp). Para a inscrição dos estagiários nas escolas, o caminho é claro e descrito no site da Diretoria: enviar e-mail com a documentação do estágio, indicar a disciplina/componente curricular que o estagiário irá cursar e as duas opções de escola que ele tem interesse. Qualquer dúvida referente ao processo de inscrição no estágio das escolas estaduais, documentação obrigatória do estágio, de distribuição dos estagiários ou qualquer outro assunto referente a isso, o público geral pode utilizar o e-mail institucional estagio.desaocarlos@gmail.com ou mesmo ir presencialmente até a Diretoria de Ensino. Já em relação ao uso do Whatsapp, essa ferramenta acabou se tornando uma ponte de comunicação eficiente para assuntos simples e mais corriqueiros que podem surgir durante o estágio. As supervisoras de ensino da DE que estão envolvidas no estágio e até mesmo a dirigente fortalecem a relação com a IES e com a equipe gestora das escolas através do Whatsapp, principalmente para os assuntos que demandam menos formalidade e que podem ser resolvidos rapidamente utilizando esse aplicativo de mensagens instantânea. Veja os relatos das professoras supervisoras de estágio da UFSCar e USP a respeito desse diálogo:

“*A gente tem muito contato pelo Whatsapp com a Sônia, né. Manda Whatsapp, manda e-mail, para resolver. É parceria colaborativa mesmo. Eu sinto muita diferença mesmo. A relação é muito próxima. Se a gente precisa de*”

alguma coisa, a gente quer trocar uma ideia, a gente não se sente intimidado, a gente consegue dialogar, e tem total liberdade para fazer os apontamentos e fazer as sugestões. (...) Com outras secretarias e diretorias, é um pouco mais difícil é um trabalho de anos para ganhar a confiança. Os dirigentes mudam muito, você acaba nem conhecendo.”

(Isadora Valencise Gregolin, Professora Supervisora de estágio da licenciatura de Português e Língua Espanhola na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar))

“Geralmente a gente tem uma reunião inicial semestral, mas a cada semestre a DE faz uma reunião chamando as universidades. Durante a pandemia, eles conversaram online e mais em separado. Eles passavam as orientações, os recursos da Seduc que os estagiários podem acessar. Com os coordenadores de estágio das IES e depois tinha também uma reunião com os estags sobre os recursos e a orientação sobre funcionamento das escolas.”

(Edna Maura Zuffi. Profa. Dra. Supervisora de estágio da licenciatura de Matemática na Universidade de São Paulo (USP))

3.6 Desafios da iniciativa e próximos passos

Como qualquer projeto, a iniciativa do estágio supervisionado na DE possui desafios e limitações. Dentre os pontos a avançar do projeto, selecionamos os que foram citados mais de uma vez por diferentes atores entrevistados e outros pontos para reflexão analisados pela própria autora. Além disso, alguns dos desafios que serão evidenciados aqui não necessariamente são da alçada da Diretoria de Ensino ou de outros atores do projeto, contudo, são importantes de serem destacados pois impactam as escolas da Diretoria de Ensino de São Carlos.

Um primeiro desafio que já foi abordado ao longo do presente documento é a dificuldade de uma distribuição mais equitativa dos estagiários entre as escolas que aderiram ao estágio. A maioria dos licenciandos ainda prioriza na inscrição do estágio as escolas localizadas no centro da cidade, o que gera uma concentração de estagiários nas escolas centrais, que normalmente são as que tem mais recurso, enquanto as escolas periféricas acabam ficando com um número bem menor de estagiários ou até mesmo sem nenhum. Isso acaba gerando uma desigualdade de recursos, uma vez que o estagiário, nesse novo paradigma de estágio, enriquece e apoia o trabalho pedagógico da escola.

Inúmeras ideias vêm sendo discutidas internamente na DE sobre o assunto. Ao mesmo tempo em que se busca priorizar as opções de escola elencadas na inscrição dos estagiários, a DE também tem a preocupação de tentar distribuí-los de maneira mais equilibrada entre as escolas. A criação de mais critérios para uma distribuição mais equitativa dos estagiários (por exemplo, número máximo de estagiários por escola) poderia favorecer as escolas periféricas, porém desengajar os licenciandos, pois cerceia a liberdade de escolha.

Discute-se também a possibilidade de criar um “cardápio” das escolas que fizeram adesão ao programa e disponibilizar online para que os licenciandos tenham conhecimento das escolas que eles podem escolher para o estágio. Nesse cardápio, cada escola teria um pequeno perfil contando sobre sua missão, seus índices de aprendizagem, desafios e projetos, além das informações **práticas** como endereço, número de alunos, número de turmas, professores, etc. Dessa forma, os estagiários podem se conectar com as escolas pelo seu perfil e não somente questões como a sua localidade. Dessa forma, como próximos passos, a DE poderia aprofundar essas ideias e discutir as ações para uma melhor divulgação da lista de escolas que aderiram ao estágio.

Outro desafio que foi observado durante as entrevistas, especialmente durante as conversas com os atores da Diretoria de Ensino, é em relação à frequente mudança de coordenadores pedagógicos nas escolas, dificultando a perenidade da visão de estágio nas escolas da DE. Esse contexto também exige da DE que a formação para coordenadores pedagógicos aconteça semestralmente, já que sempre há mudanças no quadro da equipe de gestão da escola e as ideias precisam sempre ser revisitadas.

Ainda sobre a formação do estágio supervisionado, outro desafio observado nas entrevistas é a relação de contato entre a DE e os professores das escolas. É factível reunir todos os coordenadores pedagógicos das escolas, a DE tem poder de convocação para tanto. Contudo, é muito complexo encontrar um horário em que todos os professores possam parar suas atividades na escola para uma formação sobre o estágio. Nesse contexto, a ideia é que os coordenadores pedagógicos repassem e compartilhem a formação que receberam sobre estágio com os professores da sua escola, normalmente no momento de horário atividade do professor, nomeado na rede estadual de São Paulo de Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC).

A visão do estágio supervisionado na perspectiva de trabalho integrado entre escola, DE, e Universidades é evidente segundo as entrevistas. Parece ser ponto pacífico que o estagiário é um parceiro da escola, e que deve assumir um papel mais proativo do que passivo e observador. Não obstante, é possível observar, a partir das entrevistas com os estagiários, que ainda há espaço para ajustes e melhorias nessa relação. Seria interessante fortalecer o papel do professor regente como formador do futuro professor, por exemplo oferecendo materiais de apoio para formação do futuro docente e ferramentas que o professor pode usar no dia a dia com o estagiário. Por exemplo, poderia ser muito benéfico a DE incentivar momentos institucionalizados de feedback do professor regente com o licenciando ao longo do período do estágio. Nesse sentido, a DE poderia ofertar guias ou materiais de apoio sobre como o professor regente pode conduzir o feedback com o estagiário, sugerindo a periodicidade dos momentos de feedback e que pontos seriam interessantes de serem observados, sempre alinhados aos saberes e competências específicos e necessários para a docência.

Na visão da dirigente Débora, o maior desafio do estágio supervisionado hoje é que as 400h previstas na legislação para o estágio não são suficientes. Na visão dela, há muito mais para o licenciando aprender e fazer do que somente o que ele faz atualmente. Ela menciona alguns exemplos do que mais horas de estágio poderiam agregar: pequenos cursos de temáticas distintas de interesse dos estudantes, ajudar no reforço e na recuperação escolar, trabalhar com grupos produtivos, ajudar

o professor no planejamento dos grupos produtivos, e apoiar a educação especial. Ela conclui: “*Tem muita coisa pra fazer e uma pessoa só na sala de aula, não dá*”.

Outro aspecto que é um desafio para a DE, mas que não está diretamente relacionado com as ações da iniciativa, é o aumento gradativo e evidente do desinteresse pela profissão docente. Não só esse aspecto foi ressaltado em entrevistas com atores da DE, mas também nas entrevistas com os professores de estágio, que informam que a cada ano mais cursos de licenciaturas fecham. A dirigente Débora e a professora de estágio da UNICEP observam:

“*Estamos em campanha, nós precisamos aumentar o número de professores inscritos, principalmente em arte, história, geografia.*”

(Débora Blanco, Dirigente da Diretoria de Ensino de São Carlos)

“*Na verdade, nós estamos com um problema sério, não só aqui na Unicep, mas na USP e UFSCar também com relação a licenciatura. Cada vez menos alunos, cada vez mais fechando licenciaturas. Eu não sei o que será da profissão professor daqui alguns anos. Aqui na Unicep a gente não abriu mais turmas em 2020 e 2021 para pedagogia.*”

(Ana Claudia Rebolho, Professora Supervisora de estágio no Centro Universitário Central Paulista (UNICEP))

Em entrevista, os atores da DE afirmam que já chegaram a disparar e-mails para antigos estagiários informando sobre vagas abertas em modalidade de “cadastro emergencial” e que a medida funciona muito bem, muitos se inscrevem, o que confirma que o canal de comunicação pelo e-mail institucional do estágio é um recurso poderoso para outras ações.

“*Nós tivemos um volume enorme de inscritos. Banco de dados, nós exploramos ao máximo a gente precisa deles e eles precisam do emprego.*”

(Sônia Mercedes Antunes Silva, Supervisora de Ensino na Diretoria de Ensino de São Carlos)

Um aspecto interessante de ser destacado a respeito da diminuição do interesse pela profissão docente em algumas licenciaturas foi detectado a partir do acompanhamento e controle os estagiários nas escolas estaduais de São Carlos. A DE foi capaz de mapear quais opções de cursos seriam mais interessantes de abrir, uma vez observado os componentes curriculares com poucos estagiários. Bruno, Professor Especialista em Currículo na Diretoria de Ensino afirma:

“*A gente tem conversado com algumas universidades sobre quais opções de cursos são viáveis de abrir na região dado o número de estagiários que a gente recebe. A gente recebe pouco estagiário da parte de humana, a gente tem pouquíssimo de história, geografia (...) alguns pontos a gente vê que são fragilidades e quando a gente olha pros dados de atribuição de aula a gente vê que está faltando professor disso também, isso casa com a nossa realidade. (...) A gente tem um levantamento por curso, a gente sabe quantos cursos tem*

e quais cursos tem atuando na rede. Então a gente consegue dizer 'olha, tá com déficit nessa área aqui', quando a gente conversou com a Univesp a gente falou pra eles 'isso e isso aqui tem espaço para crescer' e daí eles 'nossa muito bom saber disso' e começaram a perceber que era um bom indicador de quais licenciaturas abrir, por exemplo, não convém abrir mais vagas para curso de matemática, física, química na região. Agora, geografia e história tem pouco e a gente precisa crescer nessa área."

(Bruno Turci, Professor Especialista em Currículo (PEC) na Diretoria de Ensino de São Carlos)

Em relação ao contato entre as instituições de ensino superior e as escolas, também é possível observar aspectos que podem avançar. A participação do professor supervisor de estágio da IES com as escolas que os estagiários estão realizando o estágio geralmente é baixa. Mais raramente, acontece o contato direto entre o professor da IES e os professores das escolas, normalmente nos casos em que há projetos já estabelecidos entre IES e escola, por exemplo nos programas federais Pibid e Residência Pedagógica. É um desafio complexo, sobretudo pois envolve gestão de tempo dos professores regentes e dos professores supervisores de estágio na DE. Não obstante, há casos interessantes de envolvimento entre IES e escola que valem o destaque, como por exemplo o envolvimento da professora supervisora de estágio Isadora Valencise Gregolin

"A gente tenta fazer com o estagiário participe de todas as etapas, ATPC¹⁸, as vezes os professores da IES até participam junto da ATPC. Quando é o momento de planejamento da escola, a gente busca olhar também os gráficos das escolas, isso é muito importante para nós da universidade, a gente gosta de entender as escolas, os contextos, as habilidades com maior defasagem em português para fazer um planejamento colaborativo. Para universidade é muito importante olhar quais são as necessidades da escola e como é o currículo."

Programas federais como PIBID e Residência Pedagógica buscam aproximar IES e escola e com o valor da bolsa destinada ao professor regente e o professor da IES, a relação entre IES e escola é muito mais orgânica e parte das expectativas do programa. Em relação a esses pontos, o Bruno, da Diretoria de Ensino, afirma:

"A gente tem aqui várias Instituições de Ensino Superior. Fora os professores do Pibid e do Residências Pedagógica, que são bolsistas e tem uma carga horária e dedicação maior, é difícil esse professor da IES se colocar disponível para fazer essa discussão. (...) É difícil eu chegar para uma professora da

¹⁸ ATPC é a sigla utilizada para o termo Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo. Esse é o momento coletivo de estudo e formação continuada dos professores realizado na escola, em outros locais também chamado de hora atividade.

IES e falar para ela ir lá na escola se envolver com o estágio. No Pibid e na Residência essa relação é mais estreita. A gente conseguia fazer trabalhos mais significativas, não tinha o estagiário fazendo a ponte, era junto escola e IES. (...) Tem muitos cursos também que são EAD, às vezes eles nem tem um professor específico, eles têm um tutor, o que torna ainda mais frágil essa relação IES e escola. Se a gente conseguir aproximar professor regente, coordenador pedagógico e professor supervisor da IES aí a gente tá falando de um estágio que ia ter um ganho muito maior.”

(Bruno Turci, Professor Especialista em Currículo (PEC) na Diretoria de Ensino de São Carlos)

Outro aspecto observado pela equipe da Diretoria de Ensino que ainda tem espaço para avançar é em relação ao uso de dados advindos dos questionários de avaliação do estágio, principalmente as devolutivas dos estagiários sobre sua experiência. Por um lado, o engajamento nas respostas ainda deixa a desejar, gerando assim uma baixa quantidade de informações a serem analisadas e transformadas em melhorias concretas para o processo. Por outro lado, mesmo com as informações que recebem por meio dos questionários, a Diretoria concorda que o questionário pode ser melhorado, com perguntas mais assertivas e inteligentes, e que poderiam utilizar melhor as informações para uma melhoria contínua do programa de estágio na DE.

Por fim, cabe ressaltar os desafios referentes à própria dinâmica do sistema estadual e da rotina da escola e como isso impacta a experiência de aprendizagem do estagiário. Em entrevistas, foi mencionado certa inflexibilidade na rotina das escolas devido às diretrizes da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, e mudanças abruptas no planejamento escolar que podem prejudicar a execução do estágio. Um exemplo observado pela professora supervisora do estágio na USP é quando o licenciando faz o planejamento da regência, combina os dias com o professor da escola, mas surgem interferências inesperadas e não planejadas na rotina da escola (uma palestra, formação, projetos, programas, avaliações) que acabam modificando a regência, reduzindo seu tempo, ou impossibilitando que aconteça com tempo suficiente antes do semestre acabar. Contudo, a professora ressalta “A gente tenta respeitar muito o que o professor prefere e permite, se ele muda de ideia, a gente deve se readaptar”.

4. Conclusão



Diante dos dados coletados a partir da pesquisa qualitativa, pode-se concluir que a iniciativa do estágio na Diretoria de Ensino de São Carlos é uma inspiração para outras regionais de ensino, redes municipais e estaduais que desejam fortalecer a formação de seus futuros professores. A normatização dos processos do estágio supervisionado possibilitou introduzir uma nova forma de pensar a formação dos futuros docentes da rede e aproximou escola e universidade.

Dentre as inúmeras boas práticas relatadas nesta pesquisa, uma delas caberia apenas ser destacada nesta seção. O comprometimento e seriedade da equipe dos servidores da Diretoria de Ensino com uma educação de qualidade é admirável, sendo provavelmente um dos aspectos chave para que esta iniciativa continue existindo e constantemente se renovando. Ainda, o alinhamento de valores e visão dos atores da DE em relação ao estágio é nítido, o que também contribui para que a iniciativa se fortaleça. A criatividade dos servidores em reinventar estratégias e avaliar as ações é um ponto forte da equipe. Talvez pelo fato de a DE ter a mesma dirigente nos últimos 18 anos, o que ajuda no acúmulo de experiências, na articulação e na construção de relacionamentos sólidos com os atores da IES e escola, ou por ter servidores altamente capacitados tecnicamente, provavelmente influenciam o sucesso da iniciativa.

Ainda, cabe ressaltar que o uso de quaisquer boas práticas compartilhadas nesse documento, precisam ser cuidadosamente analisadas e adaptadas de acordo com o contexto, especialmente nos casos de tornar a iniciativa escalável. O número de 46 escolas para acompanhar é relativamente baixo se comparado com outras regionais ou redes de ensino maiores que desejem estruturar e normatizar seus processos de estágio.

Por outro lado, a iniciativa do estágio supervisionado na DE São Carlos nos ensina muito sobre os limites e responsabilidades de cada ator. A descentralização de algumas partes do processo, como por exemplo, as decisões relativas a qual o professor regente será responsável pelo aluno ou como devem ser os planos de estágio de cada estagiário, essas decisões cabem às escolas, e a DE confia e responsabiliza-os nessas escolhas. Não caberia, portanto, uma regional ou rede de ensino controlar esse tipo de decisão, pois demandaria mais trabalho, mais controle, provavelmente burocratizando o processo, e passando a mensagem de que a escola não é capaz de fazer as escolhas certas nesses aspectos.

Cabe também ressaltar que como qualquer pesquisa de campo, esta tem suas limitações. Devido a restrições de tempo, não foi possível entrevistar uma vasta diversidade de atores para colher um número de informações suficientes e então tirar conclusões que não generalizassem. Contudo, o intuito deste documento era justamente traçar um panorama das principais ações, processos e etapas da iniciativa do estágio de forma a trazer informações suficientes para suscitar a curiosidade e engajar outras regionais e redes de ensino que almejem seguir o mesmo caminho.

Com isso, espera-se também que esta pesquisa também apoie a própria Diretoria de Ensino de São Carlos na consolidação do seu processo de formulação de política pública e que possa servir de insumo para a contínua evolução e transformação da iniciativa.

5. Referências



Ideb do Estado de São Paulo. QEdU. Disponível em: <http://cdn.novo.qedu.org.br/uf/35-sao-paulo/ideb>. Acesso em: Junho de 2022.

Censo Escolar da cidade de São Carlos. QEdU. Disponível em: <https://novo.qedu.org.br/municipio/3548906-sao-carlos/censo-escolar>. Acesso em Junho de 2022

Ideb da cidade de São Carlos. Qedu. Disponível em: <https://novo.qedu.org.br/municipio/3548906-sao-carlos/ideb>. Acesso em: Junho de 2022.

Ideb da Cidade de Corumbataí. QEdU. Disponível em: <http://cdn.novo.qedu.org.br/municipio/3512704-corumatai/ideb>. Acesso em: Agosto de 2022.

Ideb da cidade de Dourado. QEdU. Disponível em: <http://cdn.novo.qedu.org.br/municipio/3514304-dourado/ideb>. Acesso em: Agosto de 2022.

Ideb da cidade de Ibaté. QEdU. Disponível em: <http://cdn.novo.qedu.org.br/municipio/3519303-ibate/ideb>. Acesso em: Agosto de 2022.

Ideb da cidade de Itirapina. QEdU. Disponível em: <http://cdn.novo.qedu.org.br/municipio/3523602-itirapina/ideb>. Acesso em: Agosto de 2022.

Ideb da cidade de Ribeirão Bonito. QEdU. Disponível em: <http://cdn.novo.qedu.org.br/municipio/3542909-ribeirao-bonito/ideb>. Acesso em: Agosto de 2022.

Cidades e Estados: São Carlos. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/sao-carlos.html>. Acesso em: Junho de 2022.

Vieira, A. B., Roma, C. M., & Miyazaki, V. K. (2020). CIDADES MÉDIAS E PEQUENAS: UMA LEITURA GEOGRÁFICA. Caderno Prudentino De Geografia, 1(29), 135–156. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7415>. Acesso em: Junho de 2022.

Segatto, C, et al. O papel da prática na formação inicial de professores. organização

Instituto Península, Profissão Docente. – 1. ed. – São Paulo : Moderna, 2019. Disponível em: https://www.institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2020/09/professores_completo.pdf. Acesso em: Julho de 2022.

REVISTA USP • São Paulo • n. 100 • p. 33-46 • DEZEMBRO/JANEIRO/FEVEREIRO 2013-2014 - Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/76164/79909>. Acesso em: Agosto de 2022.

FABRÍCIO, Tércio Minto. A cidade educadora e o enfoque CTS: articulações possíveis a partir dos professores de ciências em formação. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/315722478_A_cidade_educadora_e_o_enfoque_CTS_articulacoes_possiveis_a_partir_dos_professores_de_ciencias_em_formacao. Acesso em: Julho de 2022.

Esse estudo foi realizado pelo Profissão Docente em parceria com a Diretoria de Ensino de São Carlos, situada no Estado de São Paulo.

Pesquisadora

Juliana Gomes de Souza

Revisão

Camila Naufel

Marcia Giupatto

Maria Julia Gomes Aleixo Ferreira Lima

Diagramação

Julio Claudius Giraldes Junior

